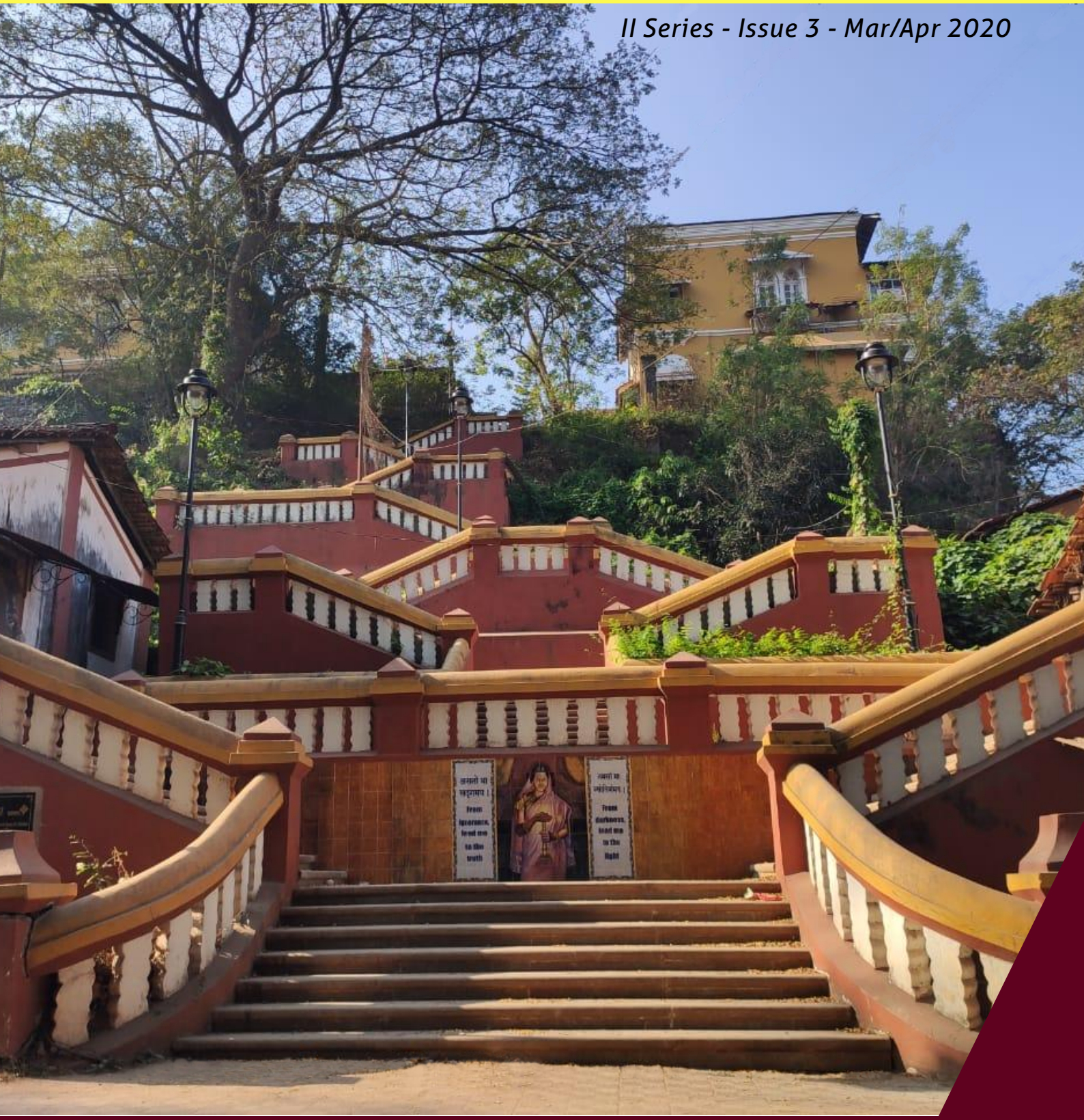
ISSN - 2184-7045

REVISTA da Casa de Goa

II Série - Número 3 - Mar/Abr 2020

II Series - Issue 3 - Mar/Apr 2020



Ficha Técnica

II Série, Número 3, Março - Abril 2020

Diretor
Vasco Soares da Veiga

Conselho Editorial
José Filipe Monteiro
Luis Pereira da Silva
Valentino Viegas

Colaboradores Residentes
Celina Velho e Almeida (Goa)
Francisco da Purificação Monteiro (Portugal)
Mário Viegas (Portugal)
Óscar de Noronha (Goa)

Colaboram neste número
António Gomes
Bicaji Ganecar
Celina Velho e Almeida
Francisco da Purificação Monteiro
José Filipe Monteiro
José Venâncio Machado
Mário Viegas
Óscar de Noronha
Valentino Viegas
Vasco Monteiro

Publicação bimestral (seis números por ano), versão em PDF, disponível online

Design/Diagramação
Juliano Martins Mariano

Secretariado
Juliano Martins Mariano
Calçada do Livramento, 17, 1350-188 Lisboa.
Tel. 21 393 00 78 / 915 057 477
E-mail: casadegoa@sapo.pt
www.casadegoa.org

@ Direitos de propriedade reservados à Casa de Goa.
ISSN 2184-7045

Sucede aos números anteriores de (ordem alfabética) Boletim da Casa de Goa, Boletim Informativo, DEKH, Goa, Newsletter e Revista da Casa de Goa, publicados entre 1989 e 2019.

Publicidade comercial - contacto: casadegoa@sapo.pt

Capa: Escadaria de acesso ao antigo Liceu Nacional Afonso de Albuquerque (cortesia de Oswaldo Velho)

Technical Datasheet

II Series, Issue 3, March - April 2020

Director
Vasco Soares da Veiga

Editorial Board
José Filipe Monteiro
Luis Pereira da Silva
Valentino Viegas

Resident Contributors
Celina Velho e Almeida (Goa)
Francisco da Purificação Monteiro (Portugal)
Mário Viegas (Portugal)
Óscar de Noronha (Goa)

Contributed to this issue
António Gomes
Bicaji Ganecar
Celina Velho e Almeida
Francisco da Purificação Monteiro
José Filipe Monteiro
José Venâncio Machado
Mário Viegas
Óscar de Noronha
Valentino Viegas
Vasco Monteiro

Bimonthly publication (six issues per year), PDF version, available online

Design/Diagramming
Juliano Martins Mariano

Secretariat
Juliano Martins Mariano
Calçada do Livramento, 17, 1350-188 Lisbon.
Tel. 21 393 00 78 / 915 057 477
E-mail: casadegoa@sapo.pt
www.casadegoa.org

@ Copyright, Casa de Goa
ISSN 2184-7045

This publication follows previous issues of (alphabetic order) Boletim da Casa de Goa, Boletim Informativo, DEKH, Goa, Newsletter, and Revista da Casa de Goa, published between 1989 and 2019.

Commercial advertising - contact to: casadegoa@sapo.pt

Cover: access staircase to former Liceu Nacional Afonso de Albuquerque (courtesy of Oswaldo Velho)

NORMAS EDITORIAIS

A Revista da Casa de Goa é o órgão oficial da Casa de Goa.

Contém secções regulares abaixo indicadas, nas quais os artigos podem ter limite máximo de palavras e figuras.

1.Capa

2.Conteúdo

2.1.Editorial

2.2.Secções

2.2.1. Artigos Originais (limite de 4000 palavras e 6 figuras)

2.2.2. Efemérides (limite de 1000 palavras por efeméride e 2 figuras)

2.2.3. Personalidades (limite de 2500 palavras e 4 figuras)

2.2.4. Opinião (limite de 1500 palavras)

2.2.5. Entrevista (limite de 2500 palavras e 4 figuras)

2.2.6. Goeses ilustres (limite de 2500 palavras e 4 figuras)

2.2.7. Cartas ao Director (limite de 400 palavras e 1 figura)

2.2.8. Noticiário (limite de 250 palavras e 1 figura por notícia)

Normas de publicação

Os artigos submetidos devem versar temas relacionados com investigação, preservação e divulgação da identidade cultural de Goa, Damão e Diu.

Os artigos são submetidos a publicação ao Diretor e enviados por correio eletrónico para casadegoa@sapo.pt

Língua de publicação: a revista é bilingue – são aceites artigos em português (novo acordo ortográfico opcional) e inglês; o Conselho Editorial reserva-se o direito de rever aspetos formais, nomeadamente o português e o inglês.

Se algum artigo de fundo exceder o limite de palavras, poderá ser publicado em partes, em números consecutivos da Revista.

Os artigos devem conter um Resumo (português) e Abstract (inglês) com limite de 150 palavras, respetivamente, excetuando Entrevistas e Cartas ao Diretor. Se o autor não estiver à vontade para escrever em ambos idiomas, a Revista compromete-se a traduzir no idioma diferente ao do artigo de fundo.

Todos os artigos submetidos são sujeitos a apreciação pelo Conselho Editorial, podendo ser aceites sem alterações, sujeitos a alterações sugeridas, ou não aceites.

Publicidade comercial paga

Distribuição e divulgação: distribuída por correio eletrónico aos sócios da Casa de Goa, associações de goeses da diáspora e jornais em Goa. A revista é de livre acesso e pode ser divulgada individualmente.

NEWSLETTER

Será publicada sem periodicidade regular, intercalar aos números regulares, de acordo com a oportunidade e necessidade de divulgação mais urgente de conteúdos, quer pela Casa de Goa, quer por instituições afins.

EDITORIAL INSTRUCTIONS

The Revista da Casa de Goa is the official magazine of Casa de Goa.

It contains regular sections below, in which articles may have a limit of words and pictures.

1.Cover

2.Content

2.1.Editorial

2.2.Sections

2.2.1.Original Articles (word limit 4000, maximum six f igures

2.2.2.Events (word limit 1000, maximum two figures per event)

2.2.3.Personalities (word limit 2500, maximum four figures)

2.2.4.Opinion (word limit 1500)

2.2.5.Interview (word limit 2500, maximum four figures)

2.2.6.Outstanding Goans (word limit 2500, maximum four figures)

2.2.7.Letters to the Director (word limit 400, maximum one figure)

2.2.8.News (word limit 250, maximum one figure per new)

Publication Norms

Submitted articles should address topics related to research, preservation and dissemination of the cultural identity of Goa, Damão and Diu.

Articles are submitted for publication to the Director and sent by email to casadegoa@sapo.pt

Language of publication: The magazine is bilingual - articles are accepted in Portuguese (new spelling agreement is optional) and English; The Editorial Board reserves the right to review formal aspects, namely Portuguese and English.

If a feature article exceeds the word limit, it may be published in parts, in consecutive issues of Revista da Casa de Goa.

Articles must contain Resumo (Portuguese) and Abstract (English) with a limit of 150 words, respectively. If the author is not comfortable writing in both languages, the Revista da Casa de Goa makes the commitment to translate in a different language from the original article.

All submitted articles are subject to review by the Editorial Board and may be accepted without changes, suggest changes, or not accept.

Commercial Publicity paid

Distribution and dissemination: distributed by e-mail to members of Casa de Goa, Goa Diaspora, associations and newspapers in Goa. The magazine is freely accessible and can be shared on an individual basis.

NEWSLETTER

It will be published without regular periodicity, in between the regular issues, according to the opportunity and need for more urgent information, either by Casa de Goa or by related institutions.

ÍNDICE | TABLE OF CONTENTS

	Página Page
EDITORIAL - *Vasco Soares da Veiga*	**1**
ARTIGOS ORIGINAIS | ORIGINAL ARTICLES	
Pós-Colonialismo para Neo-Colonialismo: Perigos e Perspectivas para a Cultura Goesa | From Post-Colonialism to Neo-Colonialism: Threats and Perspectivas for Goan Culture - *António Gomes*	**2-8**
As Mangas de Goa em Poesia | Goa's Mangoes in Poetry – *José Venâncio Machado*	**9-15**
Tisreanchem Fest | A Festa das amêijoas - *Celina Velho e Almeida*	**16-19**
Liceu Nacional Afonso de Albuquerque: da Fundação à Extinção | Liceu Nacional Afonso de Albuquerque: from Foundation to Extinction – *Francisco da Purificação Monteiro*	**20-26**
OPINIÃO | OPINION	
Liceu de Goa... Uma Saudade Sempre Presente | Lyceum of Goa...The Ever-Present Nostalgia *José Filipe Monteiro*	**27-29**
CRÓNICAS | CHRONICLES	
O Liceu de Goa | Lyceum of Goa – *Fernando de Noronha*	**30-32**
Liceu Nacional Afonso de Albuquerque: um Encontro dos Antigos Alunos | Liceu Nacional Afonso de Albuquerque: a Meeting of Old Students – *Vasco Monteiro*	**33-34**
Festa do Liceu Nacional Afonso de Albuquerque em Goa | Meeting of Liceu Nacional Afonso de Albuquerque in Goa – *Valentino Viegas*	**35-36**
Walking Down the Nostalgic Years of Liceu | Revivendo os Anos Saudosos do Liceu *Celina Velho e Almeida*	**37**
Pausa em Goa | A Break in Goa – *Mário Viegas*	**39-41**
GOESES ILUSTRES | OUTSTANDING GOANS	
Dada Vaidya – *Francisco da Purificação Monteiro*	**42-43**
PERSONALIDADE | PERSONALITY	
Ode para Wendell Rodricks | Ode to Wendell Rodricks – *António Gomes*	**44**
DEPOIMENTO | **TESTIMONY**	
Fernando de Noronha: Tribute to my Father | Fernando de Noronha: Tributo ao meu Pai *Óscar de Noronha*	**45-47**
CARTA AO DIRETOR | LETTER TO DIRECTOR	
Memorable Day | Dia Memorável – Bicaji Ganecar	**48**
NOTICIÁRIO | NEWS	
Notícias | News	**49-51**

Vasco Soares da Veiga

Presidente da Direção da Casa de Goa
Diretor da Revista da Casa de Goa

President of the Board of Casa de Goa
Director of Revista da Casa de Goa

A partir deste terceiro número, da II Série da Revista da Casa de Goa, sucedo a Ana Paula Guerra como seu Diretor, esperando dar continuidade ao seu excelente trabalho.

Neste número, trazemos-lhe vários assuntos de interesse. Numa altura em que o mundo enfrenta uma situação de saúde pública gravíssima, que coloca em perigo as nossas vidas, os nossos empregos e as nossas habitações, devemos tomar todas as precauções necessárias. Porém, agora que muitos de vós se encontram confinados às vossas casas, terão mais tempo para ler com prazer os textos deste número, lembrando as memórias de tempos felizes e refletindo sobre o futuro.

Um artigo é relativo à questão da sobrevivência da cultura goesa, com as especificidades que lhe são características, sob a progressiva influência da Índia, pelo célebre médico e escritor Prof. António Gomes. Ainda recentemente tivemos o privilégio de assistir ao lançamento, na Casa de Goa em Lisboa, do seu romance "Nas Garras do Destino". Corre a cultura goesa, tal como a conhecemos, o risco de vir a desaparecer?

Em vários artigos, de muito interesse, relata-se a história do Liceu Nacional Afonso de Albuquerque, pela mão de Francisco Purificação Monteiro, Vasco Monteiro, Fernando de Noronha, Valentino Viegas e "last but not least" Celina Velho e Almeida. Não frequentei o liceu, mas tenho o relato de primos e amigos que o fizeram e que têm muitas histórias para contar. O liceu contou com diretores e professores de alta cultura, de Goa e do Portugal europeu. Passou a liceu central no início do séc. XX para permitir aos alunos a conclusão dos seus estudos liceais e o acesso às universidades. Foi a escola que preparou centenas de alunos para a vida profissional adulta, quer em Goa, quer no estrangeiro, definindo uma matriz detetável nas suas vidas e nas das suas famílias e comunidades com quem contactaram.

Em Lisboa decorreram muitos encontros de antigos alunos. Um desses brilhantes antigos alunos, o Prof. Narana Coissoró, foi famoso nomeadamente por ter feito simultaneamente e com muito sucesso, os exames de Letras e de Ciências, sem nunca perder a irreverência que então lhe era característica.

Em Goa, foi organizado em Janeiro de 2020 um notável encontro de 135 antigos alunos, de várias gerações, tendo respondido à chamada os que residem em Goa e muitos da diáspora que fizeram questão em marcar presença.

Contém este número outros artigos de relevo. Um sobre a Goa contemporânea, a sua vivência atual e os problemas que enfrenta. Outros sobre os seus produtos naturais, mangas e ameijoas, que são motivo de orgulho e de celebração.

Por fim, um artigo sobre o estudioso de medicina ayurvédica, Dr. Dada Vaidya, nascido na segunda metade do séc. XIX. Foi uma personagem de prestígio não só nos conhecimentos da medicina tradicional indiana, mas também na literatura e na educação, não sendo ainda suficientemente conhecido fora de Goa.

Boa leitura

Lisboa, 23 de Março de 2020

From this third number onwards, of the 2nd series of the Revista da Casa de Goa, I succeed to Ana Paula Guerra as its Director, hoping to continue her excellent work.

In this number, we bring you several matters of interest. In a time when the world faces a very serious situation of public health, which endangers our lives, our jobs and our homes, we must take all necessary precautions. However, now that many of you are confined to your homes, you will have more time to enjoy reading the texts of this number, remembering the memories of happy times, and reflecting about the future.

One article is about the question of the survival of the Goan culture, with its specific characteristics, under the growing influence of India, by the well-known doctor and writer Prof. António Gomes. Even recently, we had the privilege of attending the presentation, in Casa de Goa, in Lisbon, of his romance "Nas Garras do Destino". Is Goan culture, as it is known by us, under the risk of disappearing?

In several articles, of great interest, the history of the "Liceu Nacional Afonso de Albuquerque" is told, by the hands of Francisco Purificação Monteiro, Vasco Monteiro, Fernando de Noronha, Valentino Viegas, and "last but not least" Celina Velho e Almeida. I did not attend that high school, but I hear the stories told by cousins and friends who did, and they have a lot to tell. The high school counted on directors and teachers of high culture, from Goa and from the European Portugal. It became a Central High School in the beginning of the 19th century allowing students to complete their studies and access to the universities. It was the school that prepared hundreds of students for their grown-up professional lives, whether in Goa or abroad, defining a pattern that could be noticed in their lives, and in those of their families and communities with whom they made contact.

In Lisbon, many meetings of the Liceu old students have taken place. One of those brilliant students, Prof. Narana Coissoró, became famous for having very successfully completed both the exams of humanities and sciences, without ever losing the irreverence for which he was then known.

In Goa, in January 2020, a remarkable meeting of 135 old students took place, gathering several generations together, most from Goa and many from the diaspora, who made a point to attend.

This number includes other relevant articles. One about contemporary Goa, its present living and the problems it faces. Others about its natural products, mangoes and clams, which are good reason for pride and celebration.

Finally, an article about the scholar on ayurvedic medicine, Dr. Dada Vaidya, who was born in the second half of the 19th century. He was a prestigious person, not only because of his knowledge of traditional Indian medicine, but also in literature and education, and who is still not sufficiently known outside Goa.

Enjoy your reading.

Lisbon, the 23rd March 2020

Pós-Colonialismo para Neo-Colonialismo: Perigos e Perspectivas para a Cultura Goesa

From Post-Colonialism to Neo-Colonialism: Threats and Perspectives for Goan Culture

por ***António Gomes***

Cardiologista, Escritor e Poeta (Biografia no fim)

Cardiologist, Novelist, and Poet (Biography at the end)

Resumo

As consequências da Segunda Guerra Mundial, resultaram no gradual desmantelamento do colonialismo e impérios coloniais que deixaram para trás um legado de culturas pós-coloniais nos países colonizados ao redor do mundo. Essa cultura era frequentemente uma fusão da cultura original do povo colonizado com a do colonizador, criando uma cultura de novo. O colonialismo Português em Goa, não fez parte do debate pós-colonial entre os académicos do colonialismo, que se concentraram principalmente no pós-colonialismo Britânico na Ásia e na África. Neste artigo, o Doutor Antonio Gomes discute a influência Portuguesa em Goa, que resultou em uma cultura Indo-Portuguesa única e sua penetração na população Católica e Hindu de Goa. Ao contrário da Índia, sob os britânicos, Goa, não alcançou sua liberdade nem por um referendo ou pelos Portugueses cederem a colônia a Goeses, mas por uma ação militar. A anexação Indiana de Goa em 1961 (também conhecida como Libertação de Goa, Invasão de Goa e Guerra Português-Indiana) sem a participação da população local, foi uma ação militar das forças armadas da Índia que acabou com o domínio Português sobre o subcontinente Indiano. Assim, após 1961, a cultura pós-colonial de Goa passou por uma significativa metamorfose. Por várias razões detalhadas no artigo, o autor postula que ocorreu uma forma de "neocolonização" de Goa, que teve um impacto considerável na mentalidade goesa; alguns positivos e outros negativos. O grande afluxo de povos de outras partes da Índia e de outros países aumentou a população desse pequeno enclave para mais de 1,6 milhão, prejudicando a infraestrutura e a ecologia de Goa. Embora mudanças constantes no cenário populacional sejam um fato da vida e tenham criando culturas híbridas em todo o mundo moderno, o autor alerta que, como Goa é um pequeno estado da Índia, corre o risco de assimilação ao ponto de extinção cultural.

Abstract

The aftermath of the Second World War saw the gradual dismantling of colonialism and colonial empires that left behind a legacy of post-colonial cultures in the former colonized countries around the globe. This culture was often a fusion of the original culture of the colonized people with that of the colonizer creating a de novo-culture. Portuguese colonialism as a whole, and specifically that of Goa, has not been a part of the post-colonial debate

among scholars of colonialism, who focused mostly on British post-colonialism in Asia and Africa. In this article, Dr. Antonio Gomes discusses the Portuguese influence on Goa that resulted in a unique Indo-Portuguese culture and its penetration in the Catholic and Hindu population of Goa. Unlike India under the British, Goa, did not achieve its freedom by either a referendum or the Portuguese having ceded the colony to Goans, but by military action. The 1961 Indian annexation of Goa (also referred to as the Liberation of Goa, the Invasion of Goa, and the Portuguese-Indian War) without participation of the local population, was a military action by India's armed forces that ultimately ended Portuguese rule on the Indian Sub-Continent. Thus, after 1961, the post-colonial culture of Goa underwent a significant metamorphosis. For a variety of reasons detailed in the article, the author posits that there occurred a form of "neo-colonization" of Goa, which has had a considerable impact on the Goan mindset; some positive and some negative. The large influx of peoples of other parts of India and other countries, has swelled the population of this small enclave to over 1.6 million people, detrimental to Goa's infrastructure and ecology. Although constant changes in the population landscape are a fact of life and have created hybrid cultures throughout the modern world, the author warns that since Goa is a small state in India, it runs the risk of assimilation to the point of cultural extinction.

As consequências da Segunda Guerra Mundial, resultaram no gradual desmantelamento do colonialismo e impérios coloniais que deixaram para trás um legado de culturas pós-coloniais nos países colonizados ao redor do mundo. Essas culturas eram frequentemente uma fusão da cultura original do povo colonizado com a do colonizador, criando uma cultura de novo, cujo objetivo era, muitas vezes, avançar a agenda colonial do colonizador beneficiando o colonizador às custas dos colonizados. (Bill Ashcroft, Gareth Griffiths and Helen Tiffin, 1998; and Patric Williams and Laura Chrisman, 1994).

Colonialismo Português em Goa: Perspectivas Socioeconómicas

O colonialismo português em Goa, não fez parte do debate pós-colonial entre os académicos do colonialismo, que se concentraram principalmente no pós-colonialismo britânico na Ásia e na África. No entanto, deve-se salientar que o grau e a gravidade do colonialismo, tanto em termos de exploração, crueldade e conversão religiosa, variaram substancialmente entre os colonizadores europeus e as terras que colonizaram.

Gilberto Freire, um renomado sociólogo brasileiro, propôs o conceito de Luso-Tropicalismo (Cláudia Castelo, 1999) apresentando a ideia, durante uma palestra em Goa em 1952, que retratava o colonialismo de Portugal como suave, não racista e não explorador. Embora essa ideia tenha alguma relevância, particularmente em referência a Goa do século XX, alguns elementos desse conceito podem ser debatidos calorosamente em face de atrocidades passadas, incluindo a Inquisição em Goa (1560; Priolkar AK 1961), os massacres associados à revolta dos Pintos (1787; da Cunha Rivara, Joaquim Heliodoró, 1966) e as revoltas de Margão (1890; Cinnamon Teal Publishing, 2013). Da mesma forma, quando se considera o colonialismo português em outras partes do mundo, é preciso levar em conta o complexo açucareiro do século XV, a severidade do colonialismo português na África e as longas guerras de independência em Angola e Moçambique. A ideia do luso-tropicalismo, no entanto, foi subsequentemente usada pelo Estado Novo de Salazar para justificar as províncias ultramarinas portuguesas na Ásia e na África. No entanto, ao contrário da Grã-Bretanha, Portugal deu às suas colónias o direito de representação e, a exploração comercial, particularmente a de Goa, era quase inexistente. Em contraste, o mesmo não se pode dizer do colonialismo Britânico do subcontinente indiano. A exploração cruel de uma grande área do leste da Índia pela Companhia Britânica das Índias Orientais, mesmo antes de todo o país ser subjugado,

foi expressa pelo romancista de Bengal, Bankim Chandra Chattergie, que escreveu: "O mundo nunca viu homens tão tirânicos e poderosos como as pessoas que fundaram o império Britânico na Índia ..." (Pankaj Mishra, pg. 23, 2012). As guerras do ópio e a destruição do palácio de verão continuam sendo um dos atos mais humilhantes praticados pelos Ingleses e Franceses em relação aos Chineses. Rabindranath Tagore, (Krishna Dutta, Andrew Robinson. 1997) cujo pai beneficiou bastante do comércio de ópio, questionou-se, em um ensaio escrito em 1881, como uma nação inteira da China havia sido forçada a aceitar o ópio com o único objetivo de ganância comercial.

Pode-se dizer que, no geral − exceto alguns desenvolvimentos na era pós-1950, como as concessões de mineração a algumas famílias goesas− Goa, juntamente com outras colónias portuguesas, permaneceram, ao que o académico Edward W. Saïd, se referiu como províncias fossilizadas paradigmáticas com muito pouco ou nenhum desenvolvimento comercial.

Influência Portuguesa na Cultura Goesa

Em Goa, a cultura Indo-Portuguesa era bem arreigada e até aceite de bom grado em muitos setores, o que o Dr. Tristão Bragança Cunha descreveu como lusitanização ou desnacionalização dos Goeses. Ainda é discutível se isso ocorreu através de uma osmose pacífica por meio de pensamento e aceitação intelectual ou por meio de violência (exº pela Inquisição). Apesar de existir documentação histórica sobre a gravidade da Inquisição em Goa, infelizmente, não há nenhum romance ou história ou narrativa contemporânea escrita por um Goes da época que conte essa trágica história humana.

No entanto, uma crise de identidade, em graus variados, sempre existiu em Goa, com uma diferença palpável entre Católicos e Hindus, e os de Sul de Goa em comparação aos de Norte de Goa (Novas Conquistas). Essa crise de identidade permaneceu mais profunda e mais forte na população Hindu, que se identificou com a Índia; considerando que era menos evidente na maioria da população Católica da casta alta, que ao longo dos anos assimilou a cultura luso-europeia através da ocidentalização e considerou Portugal a pátria. O mesmo não se pode dizer do camponês Católico sob feudalismo. É preciso ressaltar, no entanto, que a grande maioria do povo de Goa não sentiu nem professou ser português, culturalmente falando, mas singularmente Goês. Já no final de 1800, o grande intelectual Goês, médico, romancista (Os Brahmanes, 1886) e parlamentar, Francisco Luis Gomes, escreveu: "Nasci na Índia, berço da poesia, filosofia e história, hoje seu túmulo. Pertenço àquela raça que escreveu o Mahabharata e inventou o xadrez - duas concepções que trazem neles o eterno e o infinito." (Aravind Adiga, 2013).

Sem dúvida, existe uma cultura Goesa (Indo-Portuguesa) única, comum a Hindus e Católicos com trajetórias diferentes. Essa cultura é o produto do domínio Português de 451 anos que deu a Goa sua culinária distinta, o código civil comum, provavelmente o legado vivo mais valioso deixado pelos Portugueses, pelas igrejas barrocas, pelo corpo de S. Francisco Xavier, uma cultura popular composta pelo teatro Konkani, o Mandó e o Dulpod; além dos muitos outros costumes antigos antes da chegada dos Portugueses, incluindo a própria ideia e construção das comunidades das aldeias (denominadas Comunidades pelos Portugueses e Gaunkarias anteriormente), a religião Hindu e seus festivais e o sistema de castas indianas, este último, mantido e incorporado na cultura Luso-Indiana-Católica.

A supressão da língua Konkani à custa do Português promoveu, em certa medida, um corpo de literatura em Português, pelos Goeses que viviam no Ocidente e por académicos Portugueses vivendo entre culturas. Também promoveu formas de arte visual, como pinturas, arquitectura de casas e palacetes, e igrejas

barrocas; desenhos animados da vida Goesa de Mário Miranda e outras obras de arte religiosa.

Embora existam variações substanciais nessa cultura entre Católicos e Hindus da classe superior / inferior / inquilino e casta, também existem alguns pontos em comum. Vários elementos, incluindo o raj angan, o kuddi, o vassário (um espaço com pilares dentro da casa que se abre para um jardim e se conecta a quartos e uma sala de jantar ritual conectando-se à capela ou altar da família, respectivamente), e o oratório ou sala de oração visto em Goa, nas famílias Católicas, são derivadas arquitetonicamente de sua herança ancestral Hindu. Além disso, não é incomum que algumas das antigas famílias Católicas de casta alta enviem presentes a seus deuses Hindus ancestrais, às vezes também discretamente participando de cerimônias devocionais Hindus. Da mesma forma, Hindus, especialmente entre os camponeses, são frequentemente vistos adorando divindades Católicas. Além disso, o culto religioso Hindu e Cristão criou uma identidade comum e sincrética, fundindo os cultos da Deusa Mãe com o culto da Virgem Maria; fusão religiosa semelhante também é vista em outras culturas: as do Caribe e do Brasileiro de ascendência Africana são alguns exemplos. Esse fenómeno Goês não é visto em outras partes da Índia e talvez explique a natureza pacífica dos Goeses, bem como o modo de vida harmonioso sem violência comunitária. Pode-se argumentar que isso também foi o resultado de condições económica durante o período colonial (os pobres de Goa tinham algo para comer e um teto sobre suas cabeças) e de práticas feudais suaves (em relação ao resto da Índia). Quaisquer que sejam as razões, a harmonia comunitária é sem dúvida um elemento importante da cultura Goesa, que deve ser preservada a todo o custo.

Neocolonização de Goa

Ao contrário da Índia, sob os Britânicos, Goa, não alcançou sua liberdade nem por um referendo ou por os Portugueses terem cedido Goa aos Goeses, mas por uma ação militar. A anexação Indiana de Goa em 1961 (também conhecida como Libertação de Goa, Invasão de Goa e Guerra Indo-Portuguesa - sem participação da população local), foi uma ação militar das forças armadas da Índia que acabou com o domínio Português no subcontinente indiano (Mascarenha Lambert, 1982; Weisburd, 1997; Lopes Eduardo, Editorial Estampa, 2010). A ação armada, com o nome de código Operação Vijay envolveu ataques aéreos, marítimos e terrestres por mais de 36 horas, e foi uma vitória decisiva para a Índia, encerrando 451 anos de domínio Português. O breve conflito atraiu uma mistura de elogios e condenações em todo o mundo. No Ocidente, em particular, a ação manchou um pouco a imagem da Índia em relação a suas virtudes da não-violência. A esse respeito, o Presidente Kennedy disse ao embaixador da Índia nos Estados Unidos: "Você passa os últimos 15 anos pregando-nos a moralidade e depois segue em frente e age da maneira que qualquer país normal teria ... ... as pessoas estão dizendo, o pregador foi apanhado a sair preso? do bordel. "(Kux Dennis, pg. 198, 1993).

Na Índia, e entre muitos, mas não todos os Goeses, a ação foi vista como libertação do território historicamente indiano, enquanto Portugal a via como uma agressão ao solo nacional. Antes de 1961, uma visão alternativa liderada pelo advogado Goês, Antonio A. Bruto da Costa havia rejeitado o colonialismo Português e o nacionalismo Indiano, defendendo a autonomia e possivelmente a independência (Constantino Xavier, 2014). Os Goeses que concordaram com este último ponto de vista ficaram obviamente decepcionados. Portugal finalmente reconheceu a anexação de Goa em 1975, após a Revolução dos Cravos e a queda do regime do Estado Novo em Portugal.

Após 1961, a cultura pós-colonial de Goa passou por uma metamorfose significativa. A ideia de neocolonização de Goa expressa neste artigo é baseada no seguinte:

1) Imediatamente após dezembro de 1961, um governador militar (major-general KP Candeth) foi nomeado pela Índia e a maioria dos funcionários do governo, incluindo o reitor, e os professores, e os funcionários da escola de medicina (uma das mais antigas da Ásia e a única escola de ensino mais alto da época) vieram de outras partes da Índia (observação pessoal). Da mesma forma, a maioria dos professores das faculdades privadas e governamentais recém-formadas também vieram de outras partes da Índia. Isso provocou uma mudança dramática do sistema português para o indo-britânico, com a incorporação do inglês como meio de educação e governança. A língua portuguesa foi relegada à extinção, apesar de ter sido falada por um pequeno segmento da população; no entanto, foi a língua do ensino superior e da governança durante o período colonial. Essas mudanças levaram muitos funcionários do governo de origem Goesa a imigrar para Portugal, a maioria tendo perdido o emprego.

2) Uma batalha entre Konkani e Marathi como língua materna ocorreu logo que o governo eleito do Partido Maharashtravadi Gomantac (MGP) assumiu o controle. O MGP estava empenhado em fundir Goa, outrora a sede do império português na Índia, no estado vizinho de Maharashtra. Segundo o então ministro-chefe de Goa, Dayanand Bandodkar, bastava aprovar um projeto de lei na legislatura estadual. A fusão de Goa na Maharashtra foi uma decisão monumental que irritou muitos interessados no futuro de Goa e sua exclusiva identidade. O partido United Goans, liderado pelo Dr. Jack de Sequeira, juntamente com seus membros legislativos, foram a Nova Délhi para convencer o Primeiro Ministro Nehru e, posteriormente, o Primeiro Ministro Shastri (após a morte de Nehru), sobre a necessidade de um referendo sobre esse assunto. Após a morte de Shastri em Tashkent, eles levaram o caso à Primeira-Ministra Indira Gandhi. Purushottam Kakodcar, presidente do Partido do Congresso de Goa também fez um "lobby" convincente próximo da Indira Gandhi sobre o assunto. Sem dúvida, o MGP teve o apoio da base de poder político de estado de Maharashtra. Em Goa, contava com o apoio das classes desfavorecidas e dos trabalhadores rurais sem terra e da classe dos guerreiros (xátrias) que eram etnicamente Marathas. Eles estavam convencidos de que a única maneira de derrubar o domínio dos Brâmanes Hindus e Católicos e os Bhatkars (proprietários) que haviam beneficiado durante o governo Português era fundir Goa com Maharashtra. No entanto, a esse respeito, Goa não foi diferente do resto da Índia, onde, principalmente o elenco superior dos Brâmanes, detinha as rédeas do poder e da riqueza.

Finalmente, o governo de Nova Délhi encomendou um referendo, realizado em 16 de Janeiro de 1967, e a fusão com Maharashtra foi rejeitada, e Goa continuou como Território da União até 1987, quando foi considerado um estado na India. Esses eventos provocaram uma polarização substancial entre os Goeses; no entanto, não houve violência alguma. No geral, o povo de Goa, posteriormente, ajustou-se às novas realidades e a cultura goesa estabilizou-se a partir de então até a década de 1980, sem maiores evoluções.

3) A decisão do governo central de explorar a herança ocidental de Goa e promover Goa como um local de turismo de praia abriu uma Caixa de Pandora, em detrimento do meio ambiente e da ecologia e do bem-estar geral do povo de Goa. Pode-se argumentar prontamente que, se Goa tivesse alcançado autonomia antes de 1961, muitos desses eventos descritos acima podiam não ter ocorrido. As últimas duas décadas viram rápido e considerável progresso económico e desenvolvimento em larga escala; algumas delas, culturalmente, profundamente positivas, como a florescente cena artística, o drama, e ainda o Fado, e um crescente corpo de literatura em várias línguas, incluindo Inglês, Konkani e Marathi daqueles que vivem em Goa e da diáspora Goesa. Além disso, Goa tem o maior rendimento per capita da Índia e ocupa o

quarto lugar na taxa de alfabetização em toda a Índia. Por outro lado, existem vários elementos destrutivos que pesam muito sobre o bem-estar do Goês, que incluem: meio ambiente, saneamento, desastres infraestruturais nas cidades e mineração ilegal. Toda a mineração foi suspensa desde outubro de 2012, por ordem do Supremo Tribunal da Índia, após o Relatório da Comissão do Xá sobre a mineração ilegal desenfreada. Em defesa desta decisão, foi alegado que o estado perdeu quase US $ 6 bilhões devido à mineração ilegal. O Supremo Tribunal da Índia suspendeu, recentemente, a proibição (exercida em 2012) da mineração de ferro em Goa, limitando a extração para 20 milhões de toneladas por ano. Além disso, outras questões como disposição de resíduos, uso de drogas ilícitas, máfias estrangeiras, "ocupação aparente" de algumas das praias outrora intocadas por elementos estrangeiros e corrupção desenfreada ainda permanecem. Será escusado referir que o muito incentivado turismo de praia tem sido a raiz da ganância, da sede de dinheiro e da corrupção.

4) É manifesto, que um segmento substancial da atual população de 1,5 milhões de habitantes de Goa é de outros estados e países. A imigração excessiva em Goa levou Remo Fernandes, o principal músico de rock da Índia, a afirmar que se sente como um turista em seu próprio estado de Goa. (Rudolf Gottsberger, 2013). Nesse sentido, aparentemente, mais e mais terras, empregos ativos e contratos governamentais estão passando para as mãos de não-Goeses a um ritmo alarmante. Consequentemente, a cultura, pós-colonial e até mesmo neocolonial, está com uma dinâmica considerável e corre o risco de mais metamorfose. No entanto, independente da localização, mudanças constantes no cenário populacional são conjunturas da vida que criaram culturas híbridas. Se as ondas de migrantes enriquecem a cultura local, contribuindo para a riqueza de uma cidade ou país no contexto de sua herança passada, todos se beneficiam. No entanto, é preciso estar ciente do fato de que Goa é um pequeno enclave e, portanto, corre o risco de assimilação ao ponto de extinção cultural. Portanto, é importante que a Diáspora Goesa mantenha laços com os elementos políticos e culturais de Goa para manter a "cultura única" de Goa, na Índia.

Trabalhos Citados

- Adiga Aravind. The Lusitanian in Hind. (India: Outlook, 2013.) pg. 1-2.
- Ashcroft Bill, Griffins Gareth, and Tiffin Helen. Key Concepts in Post-Colonial Studies, (London: Rutledge, 1998), pg. 33.
- Castelo Cláudia, O Modo Português de estar no Mundo' O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933–1961). (Porto: Edições Afrontamento, 1999).
- Castelo Cláudia. O Luso-tropicalismo e o colonialismo português tardio. (http://www.buala.org/pt/a-ler/o-luso-tropicalismo-e-o-colonialismo-portugues-tardio) pg. 1-19.
- Cinnamon Teal Publishing: Massacre in Margao: A graphic history of the Revolt of September 1890 in Margao, (Margao: Cinnamon Teal Publishing, 2013).
- Cunha Bragança Tristão. Four Hundred Years of Foreign Rule (Bombay: Padma Publications, 1944).
- Cunha Bragança,Tristão. Denationalization of Goa (Bombay: Goa Congress Committee, Padma Publications, 1944).
- Constantino Xavier. Goa's forgotten third force: Antonio A. Bruto da Costa (1902-1984), (Goanet Reader, 30 March 01:49, 2014).
- da Cunha Rivara, Heliodoró Joaquim. Goa and the Revolt of 1787, (New Delhi: Concept Publ. Company, 1996).
- Gottsberger Rudolph. Goa is not India. Exclusive Interview. (Goa: Indo German Friendship Society). http://www.igsg.org/Seiten_ab-2012-10/Goa-is-not-India_2013-01-17-en.htm.
- Krishna Dutta, Andrew Robinson. Selected Letters of Rabindranath Tagore. (Cambridge:Cambridge University Press, 1997).
- Kux Dennis. India and the United States: Estranged Democracies, 1941-1991 (Washington. DC: National Defense University Press, 1993) pg. 198.
- Lopes Eduardo. A Queda da Índia Portuguesa. (Lisbon: Editorial Estampa, 2010).
- Mascarenhas Lambert. Bibliography of Goa and the Portuguese in India (New Delhi: Promila, 1982).

– Mishra Pankaj: From the Ruins of Empire. The Intellectuals Who Remade Asia. (New York: Farrah, Straus and Giroux, 2012), pg. 23.
– Priolkar, Ananta K. The Goa Inquisition. (Bombay: Bombay University Press, 1961).Said Edward W: Orientalism, (New York: Vintage, 1979).
– Scholberg Henry, Kakodkar Archana A. and Azavedo Carmo. Bibliography of Goa and the Portuguese in India. (New Delhi: Promilla 1982).
– Weisburd Arthur M. Use of Force: The Practice of States Since World war II. (Philadelphia: Penn University Press, 1997).
– Certos elementos desse artigo apareceram no livro: "Goa A Post-Colonial Society Between Cultures."

Sobre o Autor:

António Gomes também conhecido como J. Anthony Gomes e como Tony Gomes pelos amigos é originalmente de Loutolim, Goa. Ele é medico-cardiologista, poeta e romancista. Presentemente ocupa o cargo de Professor de Medicina na Faculdade de Medicina de Icahn no Centro Médico Mount Sinai, em Nova Iorque, e Diretor e Consultor Sénior dos Serviços Consultivos de Electrofisiologia Cardíaca. É autor de dois livros científicos de cardiologia intitulado Signal Averaged Electrocardiography: Methods, Basic Concepts and Applications (Londres e Amsterdão: Kluwer Academic Press, 1993), e Heart Rhythm Disorders: History, Mechanisms and Treatment Perspectives para ser publicado em 2020 pela editora Springer-Nature (USA and Global). Publicou ainda diversos artigos em jornais sobre Goa, bem como poemas em antologias e revistas. É também autor de dois livros de poesia com os títulos Visions from Grymes Hill (Stanford, Connecticut: Turn of River Press, 1994) e Mirrored Reflections (GOA 1556 e Fundação Oriente, 2013) e o romance, The Sting of Peppercorns (primeira edição GOA 1556 e Broadway Book Centre, 2010; segunda edição Amaryllis, Nova Deli, 2017). A edição de 2017 deste romance foi nomeado para o Valley of Words Book Award. O romance "Nas Garras Do Destino," que foi publicado simultaneamente em Portugal e Brasil foi lançado em Setembro de 2019 na Casa da Goa.

António Gomes vive em Manhattan e Staten Island, Nova Iorque.

About the author:

António Gomes also known as J. Anthony Gomes and as Tony Gomes by friends is originally from Loutolim, Goa. He is a doctor-cardiologist, poet and novelist. He currently holds the position of Professor of Medicine at the Icahn School of Medicine at Mount Sinai Medical Center in New York, and Director and Senior Consultant for Cardiac Electrophysiology Advisory Services. He is the author of two scientific cardiology books entitled Signal Averaged Electrocardiography: Methods, Basic Concepts and Applications (London and Amsterdam: Kluwer Academic Press, 1993), and Heart Rhythm Disorders: History, Mechanisms and Treatment Perspectives to be published in 2020 by Springer. -Nature (USA and Global). He also published several articles in newspapers about Goa, as well as poems in anthologies and magazines. He is also the author of two poetry books with the titles Visions from Grymes Hill (Stanford, Connecticut: Turn of River Press, 1994) and Mirrored Reflections (GOA 1556 and Fundação Oriente, 2013) and the novel, The Sting of Peppercorns (first edition) GOA 1556 and Broadway Book Center, 2010; second edition Amaryllis, New Delhi, 2017). The 2017 edition of this novel was nominated for the Valley of Words Book Award. The novel "Nas Garras Do Destino," which was published simultaneously in Portugal and Brazil was released in September 2019 at Casa da Goa.

António Gomes lives in Manhattan and Staten Island, New York.

As Mangas de Goa em Poesia

Goa's Mangoes in Poetry

por ***José Venâncio Machado***

Nasceu em Margão, viveu em Colvá e estudou no Liceu Nacional Afonso de Albuquerque, em Pangim. Engenheiro Agrónomo pelo Instituto Superior de Agronomia (ISA), de Lisboa, e pós-graduado em Engenharia de Refrigeração em Madrid. Foi Professor Auxiliar Convidado do ISA, Técnico Sénior da FAO – Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura e Representante da FAO em Guatemala. Aposentado.

Born in Margão, lived in Colvá and studied in the Liceu Nacional A. Albuquerque, Panjim. Agronomist by the Instituto Superior de Agronomia (ISA), Lisbon, and post-graduated in Refrigeration Engineering, in Madrid. Former Invited Assistant Professor of ISA, Senior Officer of FAO - Food and Agriculture Organization of UN and FAO Representative in Guatemala. Retired.

Resumo

A manga goesa é a melhor do mundo. Uma frase vulgar, mas que encerra uma verdade insofismável, evidenciada por estudos técnicos, enaltecida pelos seus consumidores e celebrada por poetas e escritores. São os poemas destes autores à excelência das mangas goesas que são apresentados no presente artigo, interpretando-os à luz dos cânones organoléticos. Porque não há uma só "manga goesa", mas várias, cada uma delas com características únicas.

Abstract

Goan mango is the best in the world. A naïve speaking, but holds unquestionable truth, evidenced by technical studies, praised by the consumers and celebrated by poets and writers. These authors` poems on the excellence of Goan mangoes are presented in this article, interpreting them in the light of organoleptic canons. Because there is not a single "Goan mango", but several, each with unique characteristics.

As mangas goesas encerram um poema em si mesmas: um poema organolético, uma conjugação paradisíaca de aroma, sabor, cor, suculência e textura que as colocam no topo das mais apreciadas frutas tropicais, suplantando em qualidade as suas congéneres das outras regiões da Índia. E tanto assim é que caixas cheias de mangas eram enviadas pelos governantes de Goa aos reis vizinhos do Decão e à corte real portuguesa como uma oferta valiosa ou um tributo. A coroar este tesouro está a manga Malcorada (Mankurad) – a icónica, a talismânica, a epítome da riqueza de Goa, sendo estes os epítetos com que Vivek Meneses (1) a qualifica.

Esta aura que envolve as mangas goesas foi e é uma fonte de inspiração para alguns escritores e poetas goeses, nomeadamente Manohar Sardesai (1925

– 2006, um poeta goês doutorado pela Universidade de Sorbonne), Thomas Mourão Garcez Palha (versos

publicados em 1872) e Dr. Bernardo Pinto Pereira (atualmente a viver em Trinidad), que lhes dedicaram poemas exclusivos. A recolha destes poemas foi feita pelo Eng. Fernando do Rego no seu livro: As mangas de Goa - The mangoes of Goa (2), publicado pela Fundação Oriente, em Goa, numa edição bilingue (Português e Inglês). Engenheiro agrónomo sénior, Fernando do Rego dedicou uma boa parte da sua atividade profissional ao estudo e à classificação das mangas de Goa. Neste seu livro apresenta muitos temas inéditos, nomeadamente sobre: os adágios em concanim baseados nas mangueiras, a manga no folclore de Goa e as poesias sobre a manga dos autores atrás referidos.

Os versos de Manohar Sardesai (MS), escritos originalmente em concanim, e os de Garcez Palha (GP) apresentam semelhanças flagrantes, realçando ambos as qualidades organoléticas das mangas goesas, ou seja as características intrínsecas percebidas pelos sentidos humanos, como:

- **O aroma:** "a manga Afonso fragrante" (GP); "a Xavier é toda aroma, de mil flores em botão" (GP); "de champe uma mancheia ou até de margaridas" (MS). A que planta se referia Sardesai como champe? À pluméria (Plumeria sp.), conhecida por "champi" em concanim, ou à champaca (Magnolia champaca, a ex-Michelia champaca, Linn.), chamada "champa" nas línguas locais? A pluméria ou "frangipani", muito disseminada em Goa, apresenta flores de pétalas macias e com uma fragrância suave; enquanto a champaca, uma magnoliácea, apresenta flores grandes e muito perfumadas. Ambas são usadas na indústria de perfumes, principalmente a champaca (Salvatore Ferragano, Dior em J´Adore, entre outros). A resposta estará na "mancheia": uma mão-cheia de frangipanis para igualar o aroma da manga goesa;

- **O sabor**: "como um pingo de mel" (MS); "um poema suculento" (MS); "é de mel a Secretina" (GP); "até mesmo a Chupadeira tem um mágico sabor" (GP); e

- **A cor:** "a manga Malcorada, um pedaço de ouro" (MS); "a manga Afonso tem de ouro a fulgida cor" (GP); "luzidia como dum bebé a bochecha" (MS); "a purpúrea Fernandina tem do pejo a linda cor" (GP); "a vermelha Monserrate" (GP). Garcez Palha utiliza a palavra "pejo" como a cor do rubor feminino.

A semelhança entre os versos de Sardesai e de Garcez Palha incide também sobre outros aspetos relacionados com as mangas goesas:

- **A riqueza varietal**: ambos mencionam as variedades mais apreciadas entre as mangas goesas: Malcorada, Afonso, Xavier, Fernandina, Bispo, Monserrate, Secretina e Carreira (existem em Goa mais de uma centena de cultivares, de acordo com a listagem apresentada por Fernando do Rego; algumas poderão ser apenas fenótipos). A sua disseminação só foi possível graças às técnicas de enxertia introduzidas pelos portugueses, porque na Índia as mangueiras são predominantemente de estirpes monoembriónicas, com sementes que contêm apenas um embrião, dando origem a uma planta com genes de ambos progenitores, pelo que não garantem as mesmas características da planta-mãe. Há também algumas estirpes poliembriónicas, cujas sementes dão origem a plantas maioritariamente com os mesmos genes da planta-mãe, mas os seus frutos são, em geral, pequenos e fibrosos, distinguindo-se por se apresentarem em

racimos (cachos); são usadas como porta-enxertos. Muitas das cultivares de manga hoje espalhadas pelo mundo tiveram a sua origem em Goa, sendo porém conhecidas com outros nomes. Seria justo que tivessem a designação genérica de Mangifera goanica, uma sub-divisão da Mangifera indica Lin. (o nome científico da mangueira);

- **O tamanho e a forma:** enquanto qualquer variedade de maçã tem sempre a forma de "maçã", as mangas apresentam tamanhos e formas muito diversas: desde a pequena Chupadeira até a volumosa manga Bispo; desde a redonda manga Bola até a cordiforme Monserrate e a mamiforme Malguesa. Bernardo P. Pereira realça este aspeto: "Na adolescência os moldes dos teus frutos sempre me deslumbravam". Palha refere-se à manga Bispo: "é das maiores, um nome de mangação; é fartura um pedaço, uma manga … indigestão". Infelizmente, muitas das variedades de mangas goesas estão a desaparecer, como esta manga Bispo, sucumbindo perante a evolução natural da escolha das variedades mais produtivas e mais comercializáveis; e

- **A sensualidade**: este atributo, obviamente, não consta das especificações técnicas dos frutos, mas os poetas são sensíveis aos encantos femininos que encontram em certas variedades de mangas. E julgo que ao assumirem nos seus versos esta metáfora, pretendem sobretudo mostrar o quanto apreciam a

beleza e a sexualidade femininas. Tanto Sardesai como Palha são exuberantes nesse afã: "macia como o lábio de uma noiva; "sob um céu verde, como o seio de púdica donzela" (MS); "Quando a virgem ruboresce e treme aos mimos do amor" (GP). E n´O Signo da ira´, Orlando Costa (3) não resiste a comparar as mangas aos seios femininos em duas idades diferentes: "… despontando no seu peito de criança como dois frutos verdes os seios que hoje parecem duas mangas mal-curadas ávidas de serem colhidas e no entanto teimosamente agarradas à árvore".

Segue-se a transcrição dos poemas dos autores atrás referidos, com autorização do Eng. Fernando do Rego e da Fundação Oriente:

A Manga Goesa, por **Manohar Sardesai**

Como um pingo de mel
Ou macia como o lábio de uma noiva,
O nosso orgulho, a nossa riqueza,
É a manga goesa.

Sob um véu verde
Como o seio de púdica donzela
De dezassete primaveras
É a manga Xavier.

Um poema suculento,
A vida de Goa Malcorada,
Um pedaço de oiro
É manga de Goa.

Uma réstia de luar
Um raio solar
É a manga de Goa.

De champe uma mancheia
Ou até de margaridas
São as mangas de Goa
De todos apetecidas.

Luzidia como dum bebé a bochecha
Ou macia como o lábio duma noiva
O nosso orgulho, a nossa riqueza
É a manga goesa.

As Mangas de Goa, por **Thomaz Mourão Garcez Palha**

Portugal tem belas frutas,
No Brasil as há também
Mas como as da nossa Goa
Nenhuma outra as tem

Só as mangas valem todas d´ali
Se me tendes por suspeito, ouvi:
A manga Afonso fragrante,
Tem de oiro a fúlgida cor;
Mas entre o metal e a fruta
A fruta tem mais valor.

É de mel a secretina
E mais doce outra não há
Nem da amante e boca virgem
Mais doçura vos dará.

A Xavier é todo aroma
De mil flores em botão;
um ramalhete de rosas
Não tem mais perfumes, não.

A purpúrea Fernandina
Tem do pejo a linda cor
Quando a virgem ruboresce
E treme aos mimos de amor.

A rugosa Malcorrada
Faz lembrar do carnaval;
Mascarada é uma velha
E por dentro angélica.

As Carreiras são tão frescas
Que bem podem substituir
Limonadas e sorvetes,
Que constipam sem nutrir.

A vermelha Manserrate
Parece cara de inglês
Mas o miolo é de molde
Ao paladar português.

É das maiores, a do Bispo
Um nome de Mangação
É fartura um pedaço
Uma manga..., indigestão.

Até mesmo a chupadeira
Tem um mágico sabor
E o leite materno o infante
Não sorve com mais ardor.

Portugal tem belas frutas
No Brasil as há também
Mas como as da nossa Goa
Nenhuma outra terra as tem.

Os versos de Pinto Pereira, em contrapartida, são de índole intimista, que nos fazem recordar a nossa infância vivida naquelas pacatas e pitorescas aldeias de Goa, onde a mangueira nos acolheu na sua sombra e nos regalou com os seus frutos verdes ou maduros, seja no quintal dos nossos pais ou nos atalhos que preferíamos.

A última estrofe dos versos de Pinto Ferreira toca-nos profundamente, a nós goanos da diáspora: "ó mangueira minha … como uma mãe lacrimosa ... a ver se o filho volta à cabana dos pais". Era debaixo da copa de uma mangueira, no caminho para a escola, que o autor do presente artigo se deslumbrava ao observar o reflexo dos raios solares matinais sobre o orvalho nas suas folhas verde-escuras e que recorda de passagem no seu livro (4). Aquela multitude de pequenos raios brilhantes e multicolores que irrompiam das gotas de orvalho, quando vistas de um certo ângulo, eram o seu imaginário do esplendor celestial.

Ode à Mangueira, de ***Bernardo Pinto Pereira***

Na tua sombra
os meus primeiros sons balbuciaram!
Quando o meu psique duma teimosia golpeava,
os ninhos nos teus ramos me distraíram
E os bocados oferecidos,
sem dificuldade mastigava!

Os meus companheiros do estado
Foram no teu véu verde buscados:
No teu tronco achei o meu primeiro esquilo
O passarinho que me dera companhia
Foi nos teus ramos capturado
Tu me trataste como o teu filho sem pecados!

Eram os dias em que eu sentia
Que tu eras a minha vida:
Eu, o teu Fausto sem dúvida,
E tu, Margarida minha, com certeza!

Na adolescência os moldes dos teus frutos
Sempre me deslumbravam,
O entrelaçado dos teus ramos:
Traziam as memórias os corpos cristalinos
Que ao eterno à escondida andavam!

O pingo do teu fruto
um calor nos meus lábios deixava
Outras vezes:
A tua fruta verde bem picada com o sal e pimenta
Às escondidas era a minha comida!

Anos tarde: entre os meus afazeres quotidianos,
Tu foste o meu leito ao cruzar os caminhos:
Saciar o chupo de teu fruto
Era bem sadio do que um chupo humano!

Hoje acho como ingrato:
Esquecendo – te, mangueira amiga,
Preferindo uma terra longínqua
Com muita balbúrdia inimiga
Onde a lama corrompe em orgias triviais.

Mas tu, ó Mangueira minha, lá ficas,
A espreitar nas ramadas
Como uma mãe lacrimosa:
A olhar sempres as estradas,
A ver se o filho volta à cabana dos pais!

Intimista e comovente é o poema de Henrique de Santos (Ricky) sob o título de "Manga verde" e datado de 30.03.2005 (5). Ele próprio explica a razão do seu poema como uma história verídica. Já sexagenário, o autor teve de dirigir-se ao balcão de um banco (decerto algures em Moçambique), onde foi atendido por uma senhora, também sexagenária, que por casualidade estava de serviço naquele balcão e naquele dia, em substituição de uma colega. Entreolharam-se, parecendo a cada um que já se teriam conhecido antes. Quando, por razões burocráticas, o autor teve de entregar o seu Bilhete de Identidade, a senhora olhou-o e perguntou-lhe: "A manga era bonita e saborosa?". Como um raio, a memória do autor retornou aos seus anos de infância e retorquiu de imediato: "Linda, rosada, grande, docíssima". Sorriram e conversaram, mostrando fotos dos netos. Mas a história não acaba aqui, porque o autor tinha mentido, porque aquela manga tinha sido arremessada, por raiva. O poema conta o resto da história. Pedindo desculpas ao telefone, Ricky leu-lhe o poema e certamente as lágrimas dela foram a recompensa sublime por um amor de infância interrompido à nascença.

A Manga Verde, por ***Henrique de Santos (Ricky)***

Depois das aulas te mirava,
debaixo daquela mangueira frondosa,
teus cabelos soltos ao vento,
da côr da terra aqueles caracóis,
Era a entrada do paraíso,
do sítio das brincadeiras,
depois dos deveres da escola.
Eu acelerava a cópia, as contas,
e tudo o mais, para te esperar,
ali, naquele lugar, só nosso...
De caracóis ou de tranças,
Com laços côr de mel,
Os nossos olhos tanto falaram,
tanta jura fizeram, naquele lugar.
E, daquela flor de mangueira,
tão prenhe de tantas mangas,
escolhemos a maior como nossa,
aquela que comeríamos juntos,
o nosso selo da jura de amor!

Todos os dias a olhávamos,
à espera que crescesse,
para o dia da consagração!
Quis a vida que abalasses,
mais a família para outro lugar,
bem distante daquele sítio lindo..
Zangado com o nosso destino,
arranquei a manga verde,
daquela flor por nós escolhida.

Já Avó perguntaste-me,
com os olhos inquietos.
se a manga tinha sido rosada,
se tinha sido bem gostosa?
Menti, disse-te que sim,
mas ainda sinto forte nostalgia:
oh manga verde, manga verde,
porque não amadureceste para mim?

Nota 1: Esta manga verde, grande, era certamente de uma árvore proveniente de uma mangueira goesa, embora se admita que houvesse mangueiras silvestres em Moçambique antes da imigração goesa, mas os seus frutos são em geral pequenos. O autor tentou obter a anuência do Sr. Ricky para transcrever o seu poema, mas não o conseguiu contatar. Sendo um poema com cerca de vinte anos e já do domínio público, é admissível que não a recusasse.

Nota 2: nos poemas e nas citações foi mantida a escrita original dos seus autores, embora se detetem alguns erros.

Referências

1. Vivek Menezes: Goan mangoes are the best in the world – history proves so, too. In Scroll.in https://scroll.in/magazine/837450/goan-mangoes, 2017.05.25.
2. Fernando do Rego: As mangas de Goa. The mangoes of Goa. Goa, Fundação Oriente, 2019, 99 pp.
3. Orlando Costa. O signo da Ira. Lisboa, Temas da Actualidade, Artes Gráficas Ltd. 1966, 258 pp.
4. José Venâncio Machado. Um goano "adinkra". Ensaios. Multitipo-Artes gráficas, 2008. 268pp.
5. Henrique Santos (Ricky): Manga verde. https://bigslam.pt/destaques/manga-verde-texto-e-poema-de-henrique-santos-ricky/ 2012.10.28. (poema com data de 30.03.2005).

Tisreanchem Fest

A festa de amêijoas

by ***Celina Velho e Almeida***

Master in Arts and Education. Goa and Bombay/Mumbai University.

Bacharel em Pedagogia e Letras, Mestre em Português e Pedagogia, pelas Universidades de Goa e Bombaim/Mumbai.

Abstract
For thousands of years and till today, people in India celebrated their fests to thank Mother nature for the bounty it has showered on them. The tisreanche fest celebrated before the arrival of the monsoons has twin purpose: to thank Nature for the delicious tisreos and to honor their patron saint, Saint Anthony, at Batty ward, Nerul, Bardez-Goa.

Resumo
Há milhares de anos e até ao presente, o povo da Índia celebra as suas festas para agradecer a Mãe Natureza pelas bênçãos derramadas nos seus habitantes. A festa das ameijoas celebrada antes da chegada das monções tem duplo objectivo: agradecer a Natureza pela deliciosas ameijoas e para celebrar o santo padroeiro, santo António, no bairro de Batty em Nerul, Bardez-Goa.

The Goan religious fests be it the touxachem fest, the kelleam fest or the chikal - kalo at Marcela and many more along the year, are linked to elements of Nature. We, the people of Goa as an expression of our gratitude to the environment, celebrate these feasts.

The Tisreanchem fest is renowned along the vast coastal belt along the Mandovi and the Sinquerim rivers, with special prominence at the Nerul village. Etymologically, derived from Nellur (rice) and Ur (Village) this new nomenclature, Nerul, was acquired during the middle of the XVIII century. It is located at 5.6 Kms from Panjim city. During the Portuguese rule, Nerul was the summer holiday resort of the Portuguese aristocracy with the waters lashing it on one side and the hills covered with bottle green vegetation forming a boundary on the other side. The Coco Beach was a

Figura 1. Bivalves (Amêijoas)

most wanted picnic locale in the past. Nerul was one of the most densely populated and affluent villages of Bardez. Cholera and malaria brought it to decadence.

Today, Nerul has lost it's beautiful beach, its peace, its healthy environment due to the influx of migrants, the casinos, the unvarying movement of the helicopters and uncontrolled constructions by the locals.

From the Xth century, the main occupation in this village was extraction and export of salt to Karnataka, from the vast salt pans abundant there. Allied to the salt removal from the pans, the people along the coastal belt of Nerul, practiced shell fishing from the very long past: clams, oysters, mussels not only formed a significant source of nutrition to the locals but had also commercial value. Some beautiful shells were strung together and used as adornment by the women. This activity was of essential importance in the estuaries of the of Tiracol and Chaporá rivers in the north and from Marcaim to Cortalim along the Zuari River in the south. Various ecological factors helped shell fishing of edible bivalves in Goa: the high salinity in the waters from February to May, warm temperatures and oxygen levels conducive to their growth. As most of the rivers in Goa run from east to west, they collect a lot of land particles and deposit them on the coastal belt. This organic matter brought by the inland rivers to the coast is the main source of nourishment to the shellfish. The bivalves of the goan estuaries have natural advantages: they can adapt easily to their environment; they have a short food chain and they grow at a fast rate. But what our fishermen require is to learn the technology that will help them to bring profitable economic results coupled with the natural conditions.

During the monsoons, when the conditions for the growth of the bivalves are not very favorable, when fish is scarcely available, the demand for the shellfish increases so does its price. Regrettably, the degradation of marine environment brought by pollutants from various sources caused a decline in the availability of shellfish, a delicacy in the Goan cuisine.

Nevertheless, villages along the Mandovi River celebrate the Tisreanchem fest. At Batty, a ward of Nerul village overlooking the waters has perhaps the biggest celebration. It has been celebrated for over a century. The clams or the tisreos are procured from Verem, Candolim, Sinquerim, Mapuça market and the local waters. Almost ten big bags of clams are needed to be cooked and distributed among the people who flock here to solemnize the event. Relatives, friends, married daughters with their families, residents and those who would like to know more about the commemorations, participate in the fest.

Figure 2. Adoli, a tool used to cut fresh shellfish fish.

The clams need to be cleaned and for this, the women work as a community. The women have to bring their own cutting boards, the knives, the adoli to the house of the person who is the main celebrant of the fest and take them back when the work is over.

The work is divided: some women clean the clams, others scrape around 200 coconuts, and some others cut onions, roast the scraped coconuts, and grind the roasted coconut. In the village fests, there is always one woman who becomes the chef for that day and supervises every detail of the preparations. A number of ingredients which have been dried in the sun before the arrival of the monsoons and lightly roasted and powdered and preserved in air tight containers are used for the preparation of the Sambarem: coriander and cumin seeds, fennel, poppy, pepper corns, green cardamoms, cloves and cinnamon, caraway seeds, mace, star aniseed, nutmeg, fenugreek and Kashmir chilies. Red parboiled goan brown rice and bay leaves are also added to the preparation.

Huge cooking vessels are used to organize such gigantic quantities. When the local chef savors the preparations in each vessel and only when she validates it that it is perfect, the fire is put off.

At 8 p.m. the bells of the small chapel of Saint Anthony ring to invite people for the ladaínha The chapel was a small structure with an altar for Saint Anthony in the center and two framed pictures of Our Lady and of The Sacred Heart of Jesus on either side .The chapel has been renovated in 1992 with local contributions. On the occasion of the fest, the chapel is profusely decorated and illuminated with multicolored lights as is the norm in Goa.

The villagers join the singing of the ladainha in Konkani which is accompanied by skilled violinists. The chant of ladainha is followed by hymns. The ceremony of the feast day is preceded by novenas. The ritual ends with a hymn sung in Portuguese: "Milagrosa Santa Cruz, Santa Cruz Rogai a Jesus por nós, Santa Cruz"

For how long will they sing in Portuguese?? Crackers are fired… and following convention, a child is crowned as the celebrant for the feast of Saint Anthony for the following year.

Figure 3. Chapel of Saint Anthony
(courtesy of Gina Maria Almeida)

The feast at Batty is in honor of Saint Anthony but customarily it has been known as the tisreanchem fest.

Sambaracheo Tisreo filled in aluminum bowls with bread are distributed to all and a soft drink along with it. No longer seasonal fruits, no longer the old donnes, no longer the garrafão of feni outside.

Those are the reminiscences of the old people of a generation gone bye. But if you have been present for the tisreanchem fest, the aftertaste of its preparation, the sambarem will linger in your palate and in your memory and this will take you back to Batty in Nerul the following year, after the 3rd of May.

Glossary

- Adoli: a tool shaped like a sickle, which is used to cut fresh shellfish or clean fresh fish. The person who cuts open the shellfish, sits on the wooden seat to which is attached the sickle. The tool has two parts: one to cut the fish and the other in front of the sickle to scrape coconuts from the shells
- Chikal kalo: Mud festival
- Donnés: a small bowl made of dried leaves , normally banana leaves, and used to serve snacks
- Garrafão: a large narrow necked bottle with or without a covering of wicker work
- Kelleam fest: the feast of bananas
- Ladainha: singing of invocations to Our Lady
- Sambarem: preparation of clams using the spicy ingredients mentioned in the text
- Tisreanchem fest: the feast of clams
- Tisreo: clams
- Touxachem fest: the feast of cucumbers

References
Alvares. C Fish Curry and Rice. The Goa Foundation, pp. 377.
Ecology and Culturing of Edible Bivalves in Goa Indian Journal of Marine Sciences, Vol 13, December 1984, pp. 190-192
Marine Shells of Goa, Sonak.S M. pp. 25-27 -30

Liceu Nacional Afonso de Albuquerque: da Fundação à Extinção

Liceu Nacional Afonso de Albuquerque: from Foundation to Extinction

por ***Francisco da Purificação Monteiro***

Sócio fundador da Casa de Goa.

Founder Member of Casa de Goa

Resumo

Neste artigo, o autor faz uma descrição muito pormenorizada da génese do Liceu Nacional Afonso de Albuquerque. Ao longo do texto, constata-se que a fusão de várias instituições públicas de ensino, quer uni quer multidisciplinares, espalhadas pelo território de Goa, deram origem ao Liceu.

De início, as suas instalações localizavam-se no actual Instituto Meneses de Bragança, anteriormente Vasco de Gama. Posteriormente, foram construídos, de novo, progressivamente, os cinco pavilhões, o último dos quais já a caminho do Altinho. Os outros quatro pavilhões circunscreviam um grande terreiro, que era o local do recreio e da realização de cerimónias solenes no exterior. Estas instalações localizam-se no bairro Alto de Guimarães.

Por ocasião do seu centenário, em 1954, o Liceu foi agraciado pelo governo português com o Grau de Comendador da Ordem de Instrução Pública.

Actualmente, funciona nestas instalações o High Court of Bombay in Goa

Abstract

In this article, the author provides a detailed description of the genesis of the Afonso de Albuquerque Lyceum. The fusion of various public educational institutions, uni or multidisciplinary, spread throughout the Goan territory, gave rise to the Lyceum in Goa.

In the beginning, the educational facilities were in the current Meneses de Bragança Institute, previously Vasco de Gama. Later, five anew buildings were progressively built, the last, on the way to Altinho. The four initial blocks circumscribed a large courtyard, that was a playground for the students and where the outdoor solemn sittings used to take place. The premises are located at Alto de Guimarães quarters.

On its centenary, in 1954, the Portuguese government, awarded the Lyceum with the title of Comendador of Public Education.

Now-a-days, the campus of High Court of Bombay in Goa, operates in these premises.

Prólogo

É com muita emoção que escrevo este artigo, porque entrei para o Liceu no ano do seu centenário e fui selecionado pelo Maestro António Figueiredo para fazer parte do orfeão do liceu, que entre vários números do repertório ia apresentar o hino do liceu de Goa, letra da professora Maria Piedade Fontes de Almeida Salvador Fernandes de Rego, mais conhecida entre os alunos e professores como "Pisinha" e orquestração do Professor e Maestro António Figueiredo.

A génese da sua formação

O Liceu Nacional Afonso de Albuquerque de Goa, também conhecido como Liceu de Goa, foi criado pela portaria de 9 de Novembro de 1854 pelo então Governador do Estado da Índia, José Joaquim Januário Lapa, 1.º Visconde de Vila Nova de Ourém.

Era uma instituição do ensino secundário, pública, então designado como Liceu Nacional de Nova Goa, que não tinha a categoria de liceu central. Para chegar ao liceu que nós conhecemos, na década de 50-60, foi um caminho longo e difícil, ultrapassado através de sucessivas etapas.

Na opinião do Padre M. J. Gabriel Saldanha (História de Goa (Política e Administrativa), Vol.1, da pgs. 339-345) "Em 1841 o governador Lopes de Lima instituiu um grupo de cadeiras – francês, inglês e história universal e pátria, em curso bienal.

Para ser lecionada, a cadeira da história universal, foi criada a escola normal de história que passou a ser ensinada pelo bibliotecário da Biblioteca Pública.

Esta instituição, em conjunto com a escola matemática militar, tinha por fim formar um liceu provisório.

Posteriormente, em 1843 foi instituída a escola de marata e em 1850 a de filosofia e retórica em curso bienal. Os responsáveis por estas duas escolas foram os governadores Joaquim Mourão Garcês Palha e José Ferreira Pestana, respectivamente. Este último governador, estabeleceu também uma escola de francês em Margão.

Assim, em Pangim já eram lecionadas 6 cadeiras de ensino secundário, incluindo a antiga de latim, elementos suficientes para a organização de um liceu; faltava apenas uma direcção uniforme. Nesse sentido, o Visconde de Ourém agrupou essas cadeiras e instituiu por portaria de 9 de Novembro de 1854 o Liceu Nacional de Nova Goa, em harmonia com os decretos orgânicos de 17 de Novembro de 1836 e 20 de Setembro de 1844.

A reforma do ensino foi indispensável, pois com a extinção das ordens religiosas, o ensino eclesiástico estava limitado a 2 seminários.

Não se estabeleceu no liceu a cadeira de matemática por haver outra igual na vizinha Escola Matemática e Militar. Os princípios de física, química e história natural deviam ser leccionados na aula destas disciplinas criada por decreto de 10 de Dezembro de 1858.

O Visconde de Ourém criou também, em 1854, uma cadeira de inglês em Mapuçá uma escola de latim em cada um dos concelhos de Salsete (Chinchinim) e Bardês (Saligão), localizadas em edifícios oferecidos pelas respectivas comunidades.

Ao conde de Torres Novas se deve a criação de um lugar de ajudante e substituto para a cadeira de latim do Liceu Nacional (decreto de 5 de Julho de 1865).

Em 1859 foi fechado o seminário de Chorão por insalubridade da localidade, sendo criados em Bardês em 1863 duas cadeiras (Filosofia e Retórica).

Muitos anos antes (1844), havia sido estabelecida na ilha de Divar uma cadeira de latim, paga pela respectiva comunidade, sendo o professor nomeado pelo governo provincial com precedência de concurso. Seguindo o exemplo, a comunidade de Neurá criou, mais tarde, uma cadeira de ensino misto (português e latim). Destas cadeiras, a última durou pouco tempo, mas a primeira só cessou de funcionar depois de se adoptar no liceu nacional o regime de classes.

Em relação ao Liceu, este estabelecimento continuou quase informe e imobilizado, por muitos anos, à espera de reforma pedida, regendo-se pelos programas aprovados em 1857 e prestando, contudo, um bom serviço à instrução pública, pois habilitou numerosos alunos, alguns dos quais frequentaram depois distintos cursos superiores no continente[1].

O estabelecimento (Liceu) foi dirigido de 1868 a 1877, pelo erudito comissário dos estudos, Joaquim Heliodoro Cunha Rivara, que, tomando parte activa nos trabalhos internos da casa, imprimiu ao ensino secundário a orientação clássica, melhorando-o e tornando-o mais metódico, e mais profícuo; à sua iniciativa se deve a fundação da biblioteca liceal para consulta e estudos dos professores e alunos. Nessa época, a nomeação dos professores era feita por meio de concurso e rigorosas provas públicas.

Em resumo, havia no liceu professores especialistas numa disciplina e diletantes em outras, como recomenda o pedagogista Herbart; e alguns deles aliavam à sua competência profissional uma forte cultura humanista.

Decorridos alguns anos, o antigo deputado da Nação e, ao tempo, inspector dos estudos no Estado da Índia, Bernardo Francisco da Costa, tendo sido nomeado reitor do liceu em 1888, empenhou-se perante o governo, para ser implementada a projectada reforma do liceu.

O decreto de 31 de Outubro de 1892 reorganizou-o radicalmente, incorporando nele algumas cadeiras do Instituto Profissional, que foi extinto, e equiparando-o aos liceus nacionais da metrópole. Foi nomeado reitor, director do referido Instituto, o coronel João de Melo de Sampaio e, para professor da cadeira da língua e literatura portuguesa, criada nessa ocasião, um oficial europeu. Esta organização que melhorava e actualizava o ensino, abrangia três cursos: o curso geral em 4 anos, seguido do curso de letras em 1 ano e de ciências em 2 anos.

Estes cursos estavam distribuídos nas seguintes 9 cadeiras: Língua e literatura portuguesas, Língua francesa, Língua inglesa, Língua latina, Matemática, Física, Química e História natural; Geografia e História; Filosofia e Desenho. Tinha mais duas cadeiras anexas: a de marata e a de economia política e direito administrativo, as quais, juntas às outras 9, formavam o curso completo desse liceu, que dava direito à matrícula nos institutos superiores, ao exercício do magistério secundário e dos cargos graduados da administração local, e ao exame para advogado de provisão.

Porém, o decreto de 22 de Dezembro de 1894, reformou, sob novas bases, a instrução secundária em Portugal, organizando liceus nacionais e centrais com as disciplinas, designadas nos respectivos programas, e a estudar simultaneamente, pelo sistema de classes.

A conveniência de subordinar o ensino secundário de Goa ao regime estabelecido na metrópole, proveio o decreto provincial do comissário régio, de 9 de Janeiro de 1897, que constituiu em Goa um liceu nacional. Assim, o curso geral em 5 anos (compreendendo as duas primeiras secções), acrescidas das cadeiras anexas de filosofia, economia política e direito administrativo e marata, formavam o curso completo, que dava direito a obter a Carta de Advogado e à matrícula na Escola Médico-Cirúrgica de Goa e nos institutos industriais e comerciais.

O decreto de 31 de Maio de 1919 elevou o mesmo estabelecimento à categoria de Liceu Central. A língua alemã, inicialmente lecccionada em 1901 e logo suprimida foi restabelecida pela reforma de 1919.

Das instalações do Liceu faziam parte uma biblioteca, uma aula de ginástica, um gabinete de física, um laboratório de química e um museu de história natural. No edifício do liceu funcionava, ainda, em regime nocturno, o Instituto Comercial criado por decreto de 25 de Novembro de 1916.

Pelo decreto de 31 de Outubro de 1892, era autorizado ao governo local instituir escolas municipais de português, francês e inglês, aproveitando as 8 cadeiras do ensino secundário que ao tempo existiam em Salsete e Bardês.

Como nenhuma instituição se responsabilizou pelo ensino, estas escolas foram extintas. O Decreto-Lei nº 36507 de 1947 estabeleceu o plano de estudos para os estudos a serem ministrados nos liceus do Continente, Ilhas e Ultramar".

Pelo Decreto-Lei nº 36.507 – Diário do Governo nº 216/1947, Série I de 1947-09-17 637471, foi promulgada a reforma do ensino liceal dividindo em 3 ciclos: o 1.º e o 2.º faziam parte do curso geral dos liceus e o 3.º ciclo o curso complementar dos liceus. O 1.º ciclo tinha dois anos lectivos com as seguintes disciplinas: Português, Francês, Ciências Geográfico-Naturais, Matemática e Desenho. Tinha ainda aulas de Religião e Moral, Educação Física, Canto Coral e Trabalhos Manuais. O segundo ciclo era leccionado em 3 anos e compunha-se de duas secções: letras e ciências. Na secção de letras eram ministradas as disciplinas de Português, Francês, Inglês e História; a secção de ciências com as disciplinas de Geografia, Ciências Naturais, Ciências Físico-Químicas, Matemática e Desenho. Tinha ainda as disciplinas de Religião e Moral, Educação Física e Canto Coral. O 3.º ciclo era leccionado em dois anos e estava organizado em alíneas a), b), c), d), e), f), g), h e i); Todas as alíneas tinham duas disciplinas comuns: Filosofia e Organização Política e Administrativa da Nação, as outras quatro variavam nas alíneas consoante o acesso aos cursos a que se destinavam; assim a alínea a) dava acesso ao curso de Filologia Clássica e Românica tinha as disciplinas de Português, Latim, Grego e Francês. A Alínea b) que dava acesso ao curso de Filologia Germânica tinha as disciplinas de Português, Latim, Inglês e Alemão. A alínea c) que dava acesso ao curso de Ciências Geográficas, e tinha as disciplinas de Ciências Naturais, Geografia, Ciências Físico-Químicas e Matemática. A alínea d) que dava acesso ao curso de Ciências Histórico Filosóficas tinha as disciplinas de Português, Latim, Alemão e História.

Figura 1. Instalações onde começou a funcionar o Liceu Nacional de Nova Goa

A alínea e) que dava acesso ao curso de Direito, tinha as disciplinas de Português, Latim, Grego e História; A alínea f) que dava acesso aos cursos de Medicina, Ciências Matemáticas, Físico-Químicas, Geofísicas,

Figura 2. Pavilhão nº 1, o primeiro pavilhão do complexo escolar do liceu no Bairro Alto de Guimarães

Geológicas, Biológicas, Engenharia Geográfica, Engenharias, Escolas Militares, Agronomia, Medicina Veterinária, Farmácia e Institutos de Educação Física, tinha as disciplinas de Ciências Naturais, Ciências Físico-Químicas, Matemática e Desenho. Esta alínea tinha ainda aulas de Trabalhos Práticos de Ciências Naturais e Trabalhos Práticos de Ciências Físico-Químicas. A alínea g) que dava acesso aos cursos de Ciências Económicas e Financeiras e Escola Superior Colonial, tinha as disciplinas de Inglês, Geografia, História e Matemática. Finalmente a alínea h) que dava acesso ao curso de Arquitectura, tinha as disciplinas de História, Matemática e Desenho. Todas as alíneas tinham ainda as aulas de Religião e Moral e Educação Física.

Este plano de estudos vigorou até à extinção do liceu três anos depois da invasão, com excepção da disciplina de Organização Política e Administrativa da Nação que foi extinta de imediato, e a inclusão da disciplina de Hindi para todas as alíneas e da disciplina de Inglês para as alíneas na qual não constava.

Equipamentos e infraestruturas

O liceu recém-criado, começou a funcionar nas instalações do quartel de artilharia até 1927; este conjunto de edifícios que antes da invasão e ocupação de Goa pelas forças armadas indianas, incluía o Instituto Vasco de Gama, presentemente chamado instituto Meneses Bragança, a Biblioteca Nacional, Polícia do Estado da Índia e a Repartição de Fomento.

Citando a docente e investigadora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Alice Santiago Faria,[2]

"Criado em 1854, o Liceu Nacional de Nova Goa funcionou até 1927 no edifício do Quartel de Artilharia, dentro do qual ocupou vários espaços. Foi somente em 1923 que o Estado comprou à Santa Casa da Misericórdia um edifício já em construção para aí instalar o Liceu. Este seria o primeiro de um conjunto de cinco pavilhões cujo processo de edificação se iniciou em 1908 e só terminou em meados da década de 1940. Localizado no Altinho, na extremidade do monte, junto ao Corte do Outeiro, o terreno onde se implantou aquele que seria o primeiro pavilhão do liceu, foi oferecido pelo Estado à Misericórdia, para a construção do novo Recolhimento da Serra. Situava-se numa posição privilegiada, podendo ser visto à distância de vários pontos da cidade. A construção do edifício foi um processo conturbado. A primeira pedra foi lançada em 1908 e é provável que nesta altura tenha sido desenhado um primeiro projeto, que terá sido abandonado quando Norton de Matos, então provedor da Santa Casa, regressou a Lisboa. Somente em 1916 este processo foi retomado. Foi feito um novo projeto por Francisco de Sousa Brito,

condutor das Obras Públicas, e as obras iniciaram-se tendo como responsável Agostinho Velho, empreiteiro de Pangim. Porém nesse mesmo ano, após a mudança de provedor da Misericórdia, foi dado início a um novo projeto desenhado por Luís Maravilhas, à data diretor interino das Obras Públicas, aproveitando as fundações, já entretanto construídas. As obras foram interrompidas novamente, devido a problemas internos da Misericórdia, para recomeçarem em 1921 com algumas alterações, cuja autoria se desconhece, no estilo do alçado principal, que passou ser neogótico. As obras foram interrompidas novamente em 1923 aquando da compra do edifício para liceu, o qual, no entanto, apenas se mudou para as novas instalações em 1927. O primeiro pavilhão é a maior construção do conjunto que formaria, anos mais tarde, o Liceu Afonso de Albuquerque. Após a aquisição do edifício, seguiu-se a construção dos outros pavilhões, num ritmo bastante lento. O segundo pavilhão, localizado no seu lado poente, teve início logo no ano económico 1923-1924. Do lado oposto, o terceiro pavilhão foi construído em 1930. Apenas em 1941 se iniciou a construção do quarto pavilhão, o mais afastado, do lado poente, e o quinto pavilhão, que encerrou o pátio, foi inaugurado no início de 1946. Os desenhos das fachadas dos pavilhões 2, 4 e 5 são muito semelhantes ao do primeiro: arcos neogóticos, molduras dos vãos com o mesmo desenho, janelas de sacada em ambos os pisos. O pavilhão 3 é diferente: apresenta-se com arcos de volta inteira ao longo de toda a fachada principal, e ao nível das plantas, é o único com um corredor central. Esta opção pode dever-se ao facto de ser neste edifício que se localizavam os programas de exceção, como os serviços administrativos, o ginásio e o gabinete médico. Nos outros pavilhões, os acessos centrais são feitos diretamente para os compartimentos, e os pavilhões 2 e 4 possuem galerias numa das fachadas. O edifício para o Recolhimento da Serra, construído pela Misericórdia, foi a primeira construção em Goa onde se adotou uma solução em planta com galerias corridas e os compartimentos no meio, de modo a haver ventilação transversal e a estarem abrigados da chuva e do sol. Uma solução perfeitamente adaptada ao clima, com influências do território vizinho, que foi posteriormente utilizada no Pavilhão do Hospital Escolar, em Pangim, e no Hospital de Nossa Senhora dos Milagres, em Mapuçá. Para além da sua implantação privilegiada, da sua escala e da sua história (que reflete os problemas internos da Misericórdia, e desta em relação à restante sociedade goesa), este edifício manteve os pressupostos defendidos pelo projeto de Luís Maravilhas: continuou a destacar-se como uma construção moderna, quer pela sua linguagem, quer pela sua tipologia, e de exceção no panorama edificado de Goa. Foram feitas recentemente obras de recuperação em todos os pavilhões, e hoje

Figura 3. Pavilhão nº 3 totalmente restaurado

funciona aqui o High Court of Bombay in Goa".

No conjunto de 5 pavilhões estavam distribuídas 23 salas de aulas bem equipadas, laboratórios de física, química, museu de história natural, gabinetes de botânica, zoologia, geologia, mineralogia e geografia. Dispunha ainda de duas salas de desenho, uma de trabalhos manuais, uma sala para canto coral, um anfiteatro, uma biblioteca e um salão ginásio para rapazes e uma sala de ginástica para meninas, gabinetes do reitor, vice-reitor, sala dos professores, secretaria, uma cantina, arrecadações e instalações sanitárias. O corpo docente era constituído por 40 professores; em 1960 tinha 820 alunos, duplicando a frequência em relação a 1950.[3]

O Liceu de Goa foi agraciado na altura das comemorações do seu centenário em 1954, com o Grau de Comendador da Ordem de Instrução Pública. O liceu publicava anualmente a sua revista ALA, que tinha a colaboração dos professores, alunos e ex-alunos. O liceu dava apoio aos alunos externos do curso complementar (3.º ciclo) providenciando aulas práticas de física, de química, de zoologia, botânica e mineralogia. A partir do ano lectivo de 1959-60 o liceu pôs à disposição da Escola Normal Luís de Camões (Magistério Primário) duas salas de aulas no pavilhão 5 e deu também apoio logístico para o funcionamento da referida escola enquanto não se arranjassem instalações próprias. Pelo Liceu de Goa passaram milhares de alunos e podemos afirmar com muito orgulho que esta instituição de ensino público com mais de um século de vida, foi um verdadeiro templo de cultura, como bem atesta no seu hino.

[1] Parecer da comissão da instrução pública da Câmara dos Pares, em 6 de Julho de 1889, p. 342
[2] Faria A S. Equipamentos e infraestruturas. Liceu Afonso de Albuquerque. https://www.hpip.org/pt/contents/place/577
[3] Cronologia Geral da Índia Portuguesa, p. 211

Bibliografia
– Carlos Alexandre de Morais, Cronologia Geral da Índia Portuguesa, 1498-1962.
– Notícias do Estado da Índia, Boletim Quinzenal da Repartição Central de Estatística e Informação, 19541955.
– Faria A S. Equipamentos e infraestruturas. Liceu Afonso de Albuquerque. URL: https://www.hpip.org/pt/contents/place/577
– História de Goa (Política e Administrativa), Vol. 1 Padre M. J. Gabriel Saldanha
– Decreto-Lei nº 36.507 – Diário do Governo nº 216/1947, Série I de 1947-09-17 637471
– Monteiro F. URL: Hino do Liceu Nacional Afonso de Albuquerque, nas comemoração do seu centenário 1854-1954 http://goancauses.com

Liceu de Goa… Uma Saudade Sempre Presente

Lyceum of Goa...The ever-present nostalgia

por ***José Filipe Monteiro***

Fundador da Casa de Goa e Editor Associado da Revista da Casa de Goa

Founder of Casa de Goa and Associate Editor of Revista da Casa de Goa

Resumo

Um dos atributos da antiga instituição centenária, o Liceu Nacional Afonso de Albuquerque era o seu hino. Com origem na primeira estrofe da ode, o autor recorda o seu primeiro dia de aulas e alguns momentos e etapas do seu percurso enquanto aluno deste liceu, num artigo publicado há vinte anos e transcrito agora por ocasião do encontro dos antigos alunos que teve lugar em Porvorim, Goa.

Abstract

One of the attributes of the former centenarian institution, The Liceu Nacional Afonso de Albuquerque, was its anthem. Inspired in its first stanza, the author recalls his first day of school and some moments and phases of his journey, while student of the this lyceum, in an article published twenty years back and overwritten now for the occasion of the gathering of its former students that took place at Porvorim, Goa.

No passado mês de janeiro de 2020, um grupo de antigos alunos do Liceu Nacional Afonso de Albuquerque, realizou um encontro "Revivendo tempos do saudoso Liceu Nacional Afonso de Albuquerque" em Porvorim - Goa.

Esta reunião teve uma ampla participação e muitos dos antigos alunos deslocaram-se dos quatro cantos do mundo para participar e confraternizar neste encontro.

A primeira estrofe do hino intitulava o Liceu como um verdadeiro templo de cultura e para várias gerações de jovens goeses, esta instituição foi uma rampa que catapultou alguns dos seus estudantes para voos e horizontes longe da sua terra natal.

A Revista da Casa de Goa decidiu associar-se a esta iniciativa e dedicar este número ao Liceu de Goa.

Em Dezembro de 2004, nas comemorações "póstumas" dos cento e cinquenta anos do Liceu Nacional Afonso de Albuquerque, publiquei uma

crónica com o título em epígrafe no Boletim da Casa de Goa (na altura a Revista era assim designada) II Série, nº 16 Outubro/Dezembro de 2004,

Parafraseando Mia Couto "A saudade é uma tatuagem na alma", e para mim, que fui aluno desta ancestral instituição, a memória desses tempos, mormente o meu primeiro dia de aulas, está tatuado na minha alma, razão pela qual, volvidos quase vinte anos, decidi transcrever na integra a crónica publicada na altura.

"As celebrações dos cento e cinquenta anos do Liceu Nacional Afonso de Albuquerque, organizados pela Casa de Goa estão prestes a começar. Algures no meio das largas dezenas dos seus antigos alunos, enquanto aguardo os discursos da ocasião, sofro por momentos duma "nostalgite" aguda e, por instantes, ou serão largos minutos? (não sei precisar), o meu imaginário faz uma torna-viagem ao meu primeiro dia do **Nosso Liceu.**

Foi em Junho de 1960, mais precisamente no dia cinco. Nesse ano, a monção respeitara rigorosamente a hora aprazada para a sua chegada. De calções, capote e sapatos de borracha, que as minhas sequelas da poliomielite não permitiam o peso dos gum-boots (galochas), sob uma chuva diluviana, dobro a esquina do vidraceiro Abbas e tenho à minha frente a majestosa escadaria e a igreja da Nossa Senhora da Imaculada Conceição e, vislumbro, encavalitado no alto do morro, o **farol resplandecente na verde colina alcandorado.**

Aproximo-me pelo Corte de Outeiro daquela escadaria única com mais de cem degraus, que serpenteia encosta acima até ao "**templo da cultura**". Carregado com uma "pasta" com material didático adquirido nas papelarias "Navelcar" e "Gaitandó" e ainda a home-made prancheta, inicío a escalada contra um rio de água lamacenta que vem do Altinho.

Os níveis da ansiedade sobem vertiginosamente. A ocasião não é para menos. É o meu primeiro dia de aulas numa longa caminhada, com a promessa dos primeiros **sete degraus guiarem para a ventura.**

Minutos depois, numa sala do pavilhão que alberga a biblioteca e o laboratório de Ciência-Naturais, lá vou conhecendo os meus professores (Alfredo Dias, padre Garcia, Quencró, Camotim e uma paclina (Mulher europeia), professora de Ciências-Naturais, cujo nome a memória me atraiçoa.

No intervalo, enquanto saboreava o meu lanche, fui espreitando a cantina, uma sala modesta, practicamente sem mobiliário, onde o Sr. Remédios tinha exposto, numa vitrina petis (pastéis de carne) e bolos da confeitaria Sabóia. Esses acepipes, mais o chá com leite ou uma laranjada da Benferds, faziam as delícias dos mais afortunados.

A sineta dava por findo o curto intervalo e o senhor Coelho, um dos contínuos mais carismáticos da escola, indicava-nos o caminho para a aula de canto coral que se situava no pavilhão já a caminho do Altinho. O maestro António Figueredo, já com muito cabelos brancos, afinava o timbre das nossas cordas vocais através da vibração do diapasão "láaa…"

E o primeiro cântico que entoamos foi o hino do nosso liceu:

Nosso Liceu farol resplandecente

Sobre a verde alcandorado

Ergue em pleno o azul facho ardente

Da ciência e do saber tão elevado

Nas aulas seguintes aprendi a "Tia Anica de Loulé", "Dobadoira" "Água leva o regadinho" e outras tantas!

Do mandó ou dulpodas, nem trauteados!

No ano seguinte, já no findar do segundo período, quis o destino que por mera contingência da vida, fizesse parte dos que testemunharam o último dia da secular instituição ainda sob a vigência da governação portuguesa.

Nesse dia, 18 de Dezembro de 1961, enquanto ainda se escutava o eco do bombardeamento da Emissora de Goa, e o inusitado movimento das tropas pelas artérias da cidade pressagiava algo de grave, com a inocência própria da idade, desconhecendo os acontecimentos, lá estava no alto da escadaria para iniciar mais um dia de aulas. Mas em vez do acostumado bulício, estava a presenciar o vazio do pátio e a sineta, no alpendre do pavilhão central, mantinha-se teimosamente silenciosa!

Concluído o ano lectivo e após as ferias do Verão, inicia-se o novo ano escolar em 1962.

Muitos colegas, uns paclés, outros descendentes, alguns mestiços e uns poucos gauntis, já não faziam parte da pauta.

Alguns professores eram antigos conhecidos, outros, ilustres desconhecidos. Todos lecionavam em inglês. O programa sofrera profundas alterações. E um dia, quando demos por nós, o Nosso Liceu transformara-se como por metamorfose no Goverment Higher Secondary School.

Apesar das mudanças, para nós continuava a ser o Nosso Liceu

Na estrada da vida fomos **marchando serenos com olhar risonho e um ideal.**

E um dia…anos depois, chegou a hora do adeus! Terminado o último exame, enquanto iniciava a descida da velha escadaria, olhei com uma incontida tristeza os cinco pavilhões que durante anos tinham sido a vivência da minha juventude. Nenhuma lágrima rolou pela face abaixo, mas as raízes da saudade, que já eram imensas, lenta e insidiosamente desbravavam o meu peito!

Post-Sciptum: Como um bom filho da diáspora, sempre que regresso para umas curtas férias não deixo de peregrinar pelos locais de referência da minha juventude.

Debaixo da sombra da secular pimpod, reparo, com muita mágoa e tristeza, no estado de degradação das paredes e beirais de alguns pavilhões que albergam na actualidade o High Court.

Os edifícios e os monumentos, entre outros, fazem parte da memória colectiva de um povo. Nenhuma cultura pode votar ao abandono o seu património cultural.

Nesse sentido, penso que se torna urgente avançar com uma Associação de Antigos Alunos do Liceu de Goa − uma ideia que tem sido alvitrada e acarinhada em várias tertúlias − que tenha como desígnio, entre outros, a conservação de uma das mais prestigiadas instituições da cultura goesa.

Escrito em Novembro de 2004

PS. Janeiro de 2020:

Informação e fotografias recentes revelam obras de reparação e manutenção dos edifícios.

Um bem-haja para os responsáveis!

O Liceu de Goa

Lyceum of Goa

Fernando de Noronha (1920-2011)

In: Goa tal como a conheci, publicado postumamante. Pangim: Third Millennium, 2018

In: Goa tal como a conheci (Goa as I knew it), published posthumously. Pangim: Third Millennium, 2018

Desde os primeiros tempos da presença portuguesa em Goa, a escola paroquial prestou excelente serviço à população católica. Fez o mesmo o Seminário diocesano, a um sector mais restrito da população, que, às vezes, o cursava simplesmente para entrar na vida prática.

Em 1854, foi fundado o Liceu em Pangim, munido de um adequado programa de estudos. Na falta de universidade, os cursos liceais, de Letras e de Ciências, davam ao aluno uma sólida cultura geral. Acabado o curso secundário, podia ele seguir para Portugal, ou à Índia Britânica, mediante o exame de S.S.C. ou necessárias equiparações, para estudos superiores e especializados, pois em Goa havia só as escolas de Farmácia, de Medicina e a de Técnica, e cursos muito elementares de Direito para se exercer a advocacia.

Nos fins do mesmo século, correspondendo às necessidades do emigrante, desenvolveu-se o ensino do inglês nas escolas secundárias. A primeira de ensino particular em inglês foi a do Father Lyons, fundada no ano de 1887, em Arporá. Esta e outras escolas aldeãs funcionaram sem subsídio do Estado.

No século XX, o Liceu foi uma notável instituição que marcou sobremaneira a nossa vida pública. Uns anos antes da República o curso começou a organizar-se por classes. Para a população escolar de 600 ou 700 alunos, havia professores recrutados mediante concurso, de entre os naturais de Goa, como os irmãos padres Saldanha, o padre João Excelso da Assunta Almeida, e Egipsi Sousa. Havia outros, conhecidos como Prazeristas (pois deviam as suas nomeações ao deputado José Miguel Lamartine Prazeres da Costa) e que foram, em grande parte, um desserviço a Goa, pela sua pouca idoneidade – à excepção de certos, como Joaquim de Araújo Mascarenhas, Leão Crisóstomo Fernandes e Raul Fernandes; e, ao tempo, uns poucos licenciados, como António de Salvador Fernandes.

Depois de 1939 ou 40, vieram em grande número os licenciados, entre outros os goeses Francisco Brás Gomes e Carlos Viegas, além do professor de Canto Coral que era o maestro António de Figueiredo, com o curso de composição e regência do Conservatório Nacional de Lisboa. Estes mudaram a bitola. Antes deles, dificilmente a nota no exame final passava de 17. E, por exemplo, José Benedito Gomes nunca dava

a nota de 12 no 1.º trimestre, nas disciplinas que regia (História e Filosofia).

Como aluno dos anos 30, pensando no nosso querido Liceu Nacional Afonso de Albuquerque, lembraria, primeiro, dessa figura de grande envergadura que foi o seu Reitor: Alberto Garcia da Silva. Distinto matemático e, aliás, proficiente para, dum modo geral, reger qualquer disciplina. Tendo vindo para Goa como secretário-particular do governador Jaime Alberto de Castro Morais que o nomeava reitor, depois da saída do padre Excelso Almeida, a ele se deve a escolha do privilegiado local e a construção de quase todos os cinco enormes pavilhões em que vinha funcionando o Liceu, a que dá acesso a linda escadaria em ziguezague, de 108 degraus.

O Reitor Garcia da Silva era rigoroso na disciplina (que sofria ligeiramente quando ele se achasse ausente) e muito recto. E sabia apreciar o talento. Dava – dizia-se – com a mesma facilidade 16, 18 e 20 valores, como 5, ou menos, quando o aluno o merecesse. Pela sua alta competência profissional e espírito disciplinado, foi muito estimado e granjeou alto prestígio à Instituição, elevando a eficiência do seu corpo docente e o entusiasmo do discente.

Data desse tempo o curso de sete anos (curso modificado pela Reforma do Ensino Liceal, aprovada pelo Decreto-Lei n.º 27.084, de 14 de Outubro de 1936), compreendendo três ciclos: o primeiro (1.º, 2.º e 3.º anos), o segundo (4.º, 5.º e 6.º) e o terceiro (7.º), sem a antiga bifurcação entre Letras e Ciências, a qual voltou com o Decreto n.º 31.544, de 30 de Setembro de 1941.

Davam-se as aulas nos três pavilhões ou edifícios, que continham a reitoria, as salas de aula, a biblioteca, os laboratórios de Física e Química, o museu de Zoologia, e a vasta sala de ginásio. As aulas começavam em 15 de Junho, após solene abertura; e iam até 12 de Março, seguida de três dias de Conselho Escolar, em que se davam as notas e decidiam a sorte de cada aluno, isto é, só os primeiranistas, os segundanistas, os quartanistas e os quintanistas transitavam, ou não, à classe imediata sem exames; ao contrário dos do 3.º, 6.º e 7.º anos.

Os professores eram em número de 30 ou mais, quase todos muito competentes, a maioria deles com cursos universitários. Quase sempre conseguiam criar nos alunos interesse pelas disciplinas que regiam; e davam prova da sua objectividade na apreciação académica. Refiro-me principalmente aos professores goeses e aos chamados metropolitanos (de Portugal): Egipsi Sousa (que foi vice-reitor, escolhido de entre os mais antigos no quadro), Grevi Figueiredo de Albuquerque, José Benedito Gomes, Joaquim de Araújo Mascarenhas, Leão Crisóstomo Fernandes, Raul Fernandes, Carmo Reis, António de Salvador Fernandes, José Dâmaso Rebelo, Augusto Monteiro, Filipe Armindo Pinto, Francisco (Chico) de Figueiredo, antecessor do Maestro António de Figueiredo; Alberto Martins, Esvonta Talaulicar, Tenentes Macedo Pinto e Forbes Bessa, e, mais tarde, Martinho Faleiro, e outros.

Seria injustiça não mencionar, de igual modo, os que, nos anos 40 e 50, também indelevelmente marcaram a sua passagem pelo Liceu: Sebastião António Morão Correia, Laurindo da Costa, Bernardo Margarido (todos eles sucessivamente reitores), Vergílio Andrade, Tenório de Figueiredo, Amândio Freitas, Judite Gales Pereira, Videira Pires, Duarte Marques, Morgado Rosa, de entre os europeus; e Lúcio de Miranda, Carlos Viegas, Francisco Brás Gomes e Alfredo Osório, de entre os goeses.

E, se a memória me não falha, entre as décadas de 20 e 50, houve alunos que atingiram a nota de 19 ou a máxima de 20: Joaquim Licurgo Cabral, que depois foi delegado de saúde em Goa; Upendra Jenardana Countó, director dos serviços de electricidade em Goa; Mortó Dessai, biólogo em Portugal; Govinda Singbal, cientista na Índia Britânica; José Maria de Quadros

e Costa, catedrático na Faculdade de engenharia electrotécnica em Lisboa; Madeva Loundó, juiz em Lisboa; Osvaldo Coelho, advogado no Algarve; Emérico da Gama, advogado no Brasil; Miguel Falcão, engenheiro e padre do Opus Dei, Maria da Piedade de Salvador Fernandes e Maria do Céu de Salvador Fernandes.

Só que a eficiência do ensino começou a declinar quando o escol dos professores se foi retirando, desde os anos 50, em razão dos movimentos políticos em Goa, que já prenunciavam a sua integração na Índia, vindo a substituí-los candidatos improvisados, de origem local, nem todos com a necessária preparação – salvo uns pouquíssimos, como Joaquim da Silva, Govinda Casonió, Alfredo Dias e Panduronga Sinai Vardê. Foi um retorno à situação dos primeiros anos da República.

Por ocasião do centenário da vetusta instituição, em 1954, foi composto o «Hino do Liceu».

No Liceu não havia ragging (zombaria), e, muito menos, o sistema hoje em voga, de leccionistas escolhidos entre os professores da própria instituição (oficial), ou ainda com falsas certidões de passagem, emitidas sob peita. Nunca se ouviu falar em divulgação de pontos, excepto em um ano, na década de 40, ou seja, quando a sua impressão fora confiada a um organismo oficial como a Imprensa Nacional (em que um tipógrafo novato teria feito tal proeza). Era imediatamente invalidado o ponto e o cábula punido severamente.

O que nunca faltou é o espírito de pura brincadeira, ou seja, da paródia e da camaradagem, herdadas a Coimbra. E, longe de suscitar uma quebra de disciplina, vinha amenizar o ambiente escolar dessa nossa como que inolvidável Alma Mater (como ficou registado na secção de Facécias do meu livro Momentos do meu Passado) e, de certo modo, integrar até outras actividades da sua Associação Académica, como as récitas anuais (às vezes, de gala), as publicações periódicas e as Revistas, as excursões, as viagens de estudo, etc.

E, para terminar, diríamos que além do Liceu Nacional, de Pangim, havia dois outros – os Municipais – sendo um em Margão e o outro em Mapuçá. Leccionava-se só o 1.º ciclo, e o seu corpo docente era constituído de apenas três ou quatro professores – Rosendo Barreto Xavier, Pondori Camotim, e Francisco de Paula Ribeiro, em Margão; e António de Meneses Mesquita, António Meneses, e Jeremias Lobo, em Mapuçá. Pelo Decreto n.º 31.715, de 8 de Dezembro de 1941, foram os dois liceus municipais extintos, por falta de frequência.

Uns anos depois, lá por 1958, estava aprovado pelo Governo de Lisboa, que eu saiba, um projecto de três Faculdades: a de Letras, a de Ciências e a de Direito, com os primeiros três anos do Curso a frequentar em Goa, e os restantes em Portugal, para fins de formatura. Não se tornaram realidade porque entretanto o território foi anexado pela União Indiana.

Depois de 1961, o Liceu de Goa seguiu um programa de estudos, modificado, sim, mas inteiramente em português, até o ano de 1964.

Liceu Nacional Afonso de Albuquerque: um Encontro dos Antigos Alunos

Liceu Nacional Afonso de Albuquerque: a meeting of old students

por ***Vasco Monteiro***

Fundador da Casa de Goa

Founder of Casa de Goa

Circulavam rumores sobre a realização, em Goa, de um encontro dos alunos do antigo e saudoso Liceu Nacional Afonso de Albuquerque.

Confesso que uma pontinha de emoção e saudade perpassou pela minha mente e me transportou aos sete maravilhosos anos da minha adolescência.

Foi o tempo de crescer e adquirir as ferramentas para moldar o meu carácter.

Rápidamente tentei apurar os contornos da notícia e confirmei, efectivamente a sua veracidade e soube, inclusivé, que o principal responsável desta organização havia, em boa hora, criado um "site" no WhatsApp para dar a conhecer o objectivo do evento a fim de conseguir novas adesões e de criar um espaço de interacção para os participantes, o que foi amplamente conseguido, pese embora o aproveitamento de alguns para publicitar o seu curriculum e de outros a solicitar as graças dos santos imprimindo as respectivas pagelas, desvirtuando o desiderato.

Sem hesitar, fiz a minha inscrição e, vencida alguma resistência da minha mulher, rumamos à nossa terra, volvidos poucos dias, desembarcamos sob a protecção do ar quente e húmido que nos dava as boas vindas por mais este regresso ao torrão natal.

A caminho de Pangim, de olhos semicerrados, contemplei inebriado, a "terra a minha terra, "livro da vida, cânticos indianos, jardim florido e estendido de mar à serra...(Adeodato Barreto in "Livro da vida, cânticos indianos) e saboreei a sua paisagem verde e luxuriante toda serpenteada de rios, riachos e ribeiros, murmurando com aquela lágrima ao canto do olho: é um verdadeiro hino à natureza.

Dia 19 de Janeiro, o dia festivo tão ansiosamente esperado, lá fizemos, todos aperaltados, o percurso até ao hotel de Porvorim, onde o seu salão convidativo e bem decorativo nos aguardava.

Fomos dos primeiros a chegar, mas outros, mais de uma centena, todos vetustos -de sessenta aos noventa

(estes poucos, naturalmente) foram entrando entre abraços, beijos e cumprimentos efusivos.

"Há quanto tempo, o tempo não passa por ti, o que é que fazes, continuas bonita como sempre... uma explosão de alegria, um sufoco, uma verdadeira revivescência de amizade daqueles fugazes anos.

É difícil verter nestas linhas toda a emoção que se manifestava naquele amplexo sem fim feito de ternura, de saudades e do calor dos afectos

Sem grandes formalismos e após um bom almoço partiu-se simbólicamente o bolo e todos os presentes cantaram comovidamente o hino do liceu e do fundo da sua alma soou o refrão:

"Liceu de goa, templo de cultura

sete degraus guiando p´ra ventura"

Alguns dos alunos mais antigos que deixaram a sua marca indelével na sociedade goesa e não só foram homenageados com flores e lembranças. Coube-me presentear

o Dr. Usgãocar, advogado nonagenário advogado com uma carreira brilhante na barra dos tribunais e com outras obras da sua especialidade, entre elas a tradução para inglês do antigo Código Civil Português (antecessor do actualmente vigente em Portugal) que ainda regem as disciplinas do direito da familia e das sucessões no ordenamento jurídico do Estado de Goa.

No acto de entrega gostaria de lhe ter referido aquelas estrofes do nosso hino que rezava assim: em teus bancos nós juramos, ser homens e na vida ser alguém. Porque ele simbolizava bem todos aqueles alunos que cumpriram aquele juramento. Por motivos regulamentares tal não foi possível. Fica, porém, escrito o meu desejo.

Era incontornável e por isso, abrilhantado por um conjunto, não faltou um bom pé de dança (a recordar também os tempos de amores e namoros) bem como trazer à nossa memória os "serenatistas" (passe o neologismo) que nas palavras do apresentador deliciavam as jovens que, furtivamente saltavam dos seus leitos virginais para escutarem os trinados e as canções.

Não eram ainda dezassete horas quando com muita pena nossa e interrompendo delicioso convívio, foi encerrado o encontro.

Foi uma festa linda, matamos as saudades, recordamos os ausentes por motivos vários não puderam estar presentes, falámos dos professores e dos funcionários que já partiram.

À saída muitos já prenunciavam a realização do próximo encontro e os 26 que expressamente se deslocaram de Portugal já acenavam com a sua realização nas terras lusas.

Apostilha

Esta instituição centenária já não existe enquanto tal desde 1964, suponho eu. Mas nela estudaram personalidades relevantíssimas da nossa terra, como Francisco Luís Gomes, Adeodato Barreto e tantos outros. Mas, não seria, como é evidente, esta a sede e o momento, próprios para deles falar. Haverá outras ocasiões para se falar de todos eles.

Festa do Liceu Nacional Afonso de Albuquerque em Goa

Meeting of Liceu Nacional Afonso de Albuquerque in Goa

por ***Valentino Viegas***

Sócio Fundador da Casa de Goa e Editor Associado da Revista da Casa de Goa

Founder Member of Casa de Goa and Associate Editor of Revista da Casa de Goa

O mundo está cheio de boas intenções e de ideias revolucionárias, qual delas mais estrambólica ou espectacular. Haverá alguém que não tenha encontrado uma solução milagrosa para resolver os problemas mais prementes da humanidade? Que cada um responda por si.

Este arrazoado vem a propósito da organização da festa do antigo Liceu, que se situava no Altinho, em Pangim, Goa, realizada no dia 19 de Janeiro de 2020, no Hotel Casino Motels, em Porvorim, sob o lema Revivendo tempos do saudoso Liceu Nacional Afonso de Albuquerque. Muitos devem ter tido esta ideia maviosa, mas a vida comprova que de nada serve termos ideias brilhantes se não formos capazes de implementá-las pondo-as em prática.

Os quatro magníficos, Honorato Velho, Eduardo Fonseca, Caetano Loiola Pereira e Homem Cristo Prazeres da Costa, liderados pelo último, tiveram a feliz e oportuna ideia de juntar os liceístas e seus familiares, em Goa, para confraternizarem, matarem saudades e reviver os tempos passados no Liceu.

Ultrapassando todas as vicissitudes, superando os mais diversos obstáculos, com força, tenacidade e determinação, concretizaram a ideia e levaram a cabo o evento, que foi considerado, unanimemente, um sucesso espectacular.

Os estrategas militares ensinaram-nos, desde os tempos imemoriais, que os combatentes lutam com maior empenho e se esforçam com redobrado ardor quando sentem ter a retaguarda bem protegida.

É evidente que o núcleo central dos organizadores, que avançou com a iniciativa e levou a cabo a missão até ao fim, teve muitos colaboradores. Tomei a liberdade de não perguntar aos promotores quais eram aqueles que mereciam maior destaque, pois seria fastidioso enumerá-los e ficaria sempre alguém por mencionar, daí achar melhor que permaneçam no recato do anonimato.

A cerimónia evocativa teve uma organização primorosa, com sequência previamente estabelecida e cumprida, tanto quanto possível, à risca: Caetano de Loiola Pereira, como Mestre de Sala, fez a introdução do evento e, após o discurso de Homem Cristo, foi cortado o bolo do Liceu Nacional Afonso de Albuquerque. Posteriormente, foi cantado o seu Hino. Fizeram também o uso da palavra Celina Almeida -, apresentadora dos convidados de honra, homenageados publicamente e agraciados com um colar de flores -, Honorato Velho, Bhikaji Ghanekar, Ave Cleto Afonso, Maria do Céu Barreto, que leu as

mensagens de Venâncio Machado e Maluda Sousa, e Sidney Pinto Rosário, que nos surpreendeu ao revelar os seus dotes para contar anedotas. Registe-se que os mentores não se esqueceram de pedir que se guardasse um minuto de silêncio pelos liceístas falecidos.

É claro que foram servidos petiscos e houve lauto almoço, com aprimoradas iguarias, tudo isso e mais do que isso, intervalado de excelente música ao vivo, abrilhantada pelo conjunto Harmonique, para o deleite de cerca de cento e cinquenta convivas e alegria dos dançarinos.

Todavia, alguns participantes pareciam estar mais interessados em aproveitar o escasso tempo disponível para estabelecer novos contactos e reatar relações antigas do que em acompanhar, em silêncio, a comunicação dos oradores.

Neste regresso ao passado, carregado de fortes sensações e inesquecíveis emoções, cada um de nós reviveu intensamente os ternurentos anos liceais e reconstruiu cenários imaginários, baseados na pura realidade ou em pressupostos fantasiosos que podiam ou gostariam de ter acontecido.

Se naquela reunião, realizada na capital do antigo Império Português do Oriente, cada um dos colegas tiver conseguido criar um novo amigo, ou restabelecido o relacionamento com pelo menos um liceísta, podemos dizer que foi um sucesso inolvidável.

Tenho para mim que o homem de sucesso não é aquele que académica, económica, social ou politicamente é referenciado nos meios de comunicação social ou reverenciado pelos demais, mas sim aquele que é feliz e tem o condão de fazer feliz os outros. Daí concluir que os organizadores da Festa do Liceu e os seus colaboradores são pessoas felizes, pois fizeram sorrir muitos de nós e abriram, de par em par, as portas da distribuição gratuita da felicidade.

Nesta sessão comemorativa os liceístas reafirmaram a sua identidade, pois os degraus da escadaria do Liceu Nacional Afonso de Albuquerque são marcas identitárias que estão embutidas na pele e se entranharam na alma de todos os alunos, professores e funcionários que se sentem orgulhosos e privilegiados por poderem afirmar que fizeram parte daquela vetusta instituição.

Outra das muitas marcas da nossa identidade tinha sido a língua portuguesa, mas devido ao conhecido fenómeno da globalização, assim como a boa moeda expulsa a má moeda, assim também as línguas hegemónicas fronteiriças tendem a ultrapassar os seus limites e cilindrar as mais frágeis em seu redor, razão pela qual o inglês, já existente em Goa, a partir de 18 de Dezembro de 1961, ultrapassou em força a fronteira da União Indiana e penetrou em Goa, onde, visivelmente, tem vindo a expulsar o português e ocupar o seu lugar.

Contudo soube, no decurso do evento, que um grupo de goeses tem vontade de principiar a lançar raízes, ou dar seguimento às existentes, com vista a incrementar a língua de Camões, não só em Goa como no resto da índia, revelando as suas potencialidades e os benefícios intrínsecos face à globalização e à posição relevante que o português ocupa no universo, pois com aproximadamente 280 milhões de falantes é a quinta língua mais falada no mundo, terceira no hemisfério ocidental e primeira no hemisfério sul.

Contrariamente àquilo que se pensa e se diz, a história não se repete, porque a complexidade de um facto histórico é de tal ordem que ninguém consegue reproduzi-lo.

Não nos entristeçamos por não termos encontrado na reunião do nosso Liceu a reprodução dos tempos de antanho, pois sabemos que a inexorável lei da natureza impõe a todos os humanos, indiferentemente do seu estatuto, as normas das suas mudanças em curso. Procuremos lançar novas pontes e avançar com projectos inovadores, com base nos ensinamentos adquiridos do encontro dos liceístas, do dia 19 de Janeiro de 2020, e com a aplicação das lições facultadas pelos nossos antigos professores nos bancos do saudoso Liceu Nacional Afonso de Albuquerque.

Walking Down the Nostalgic Years of Liceu

Revivendo os Anos Saudosos do Liceu

by ***Celina Velho e Almeida***

Master in Arts and Education. Goa and Bombay/Mumbai University.

Bacharel em Pedagogia e Letras, Mestre em Português e Pedagogia, pelas Universidades de Goa e Bombaim/Mumbai.

19th. January 2020, a day that every "liceista", ex-students of the Liceu Nacional Afonso de Albuquerque, present for the unforgettable event will cherish in the years ahead.

The brainchild of Homem Cristo Prazeres da Costa, and the plans for the occasion were conceived by Homem Cristo himself, Dr Eduardo Fonseca, Dr Caetano Loyola Pereira and Honorato Velho in 2019.

He felt that "we are growing very old and we may never meet again". So, his proposal for the evocative meeting was accepted by all whom he could contact through various social media. On the 19th, at the Casino Motels at Sangolda, it was an amalgam of different ages and the voices echoed and reverberated in the hall:

"Oh, how lovely to see you after so many years"! Oh, it has been such a long time that we have met.'! Yes, you look the same after so many years "! Hugs kisses, handshakes were flying across the hallway as feathers from flying birds…"

It was a get-together of 135 "liceistas" some who had passed as far back in 1947 and others in 1961. Curtains aside. The function began by honoring four of the oldest alumni. The Introduction of the guests of honour was done by Miss Celina Almeida who introduced to the audience professora Maria Otília de Meneses Moniz Barbosa, Dr. Cantalício Colaço, Dr. Manohar Sinai Usgaoncar and Mr. Rafael Viegas.

After introducing each guest Ms Celina Almeida requested members from the audience to present a souvenir and a bouquet of flowers to each one.

The cake, representing one of the buildings of Liceu, was cut by the four alumni. What a scrumptious bite, was the cake! prepared by two youngsters from Curtorim, Rachel Coelho do Amaral and Luís Coelho do Amaral.

Everyone stood up to sing the Hino do Liceu, written by Prof. Pisinha. Some, from never fading memories and others from printed papers placed on the table. Moist eyes, throats suddenly getting lumpy, yet it was sung in harmonious choir. And why not? Weren't we trained by Maestro António de Figueiredo? Glasses were poured for old friends in sign of amity.

Recitation of poems, sharing of jokes in Konkani and English, singing and dancing to the rhythms of Omar Loyola Pereira, Selwyn and the delightful singing of Efigénia de Santana de Miranda.

Followed by lunch the reunion ended with "Till we meet again".

Figure. The four of the oldest alumni cutting the cake.

Liceu Nacional Afonso de Albuquerque

Hino do Liceu

I
Nosso Liceu, farol resplandecente
Sobre a verde colina alcandorado,
Ergue em pleno azul o facho ardente
De Ciência e Saber tão elevado!
Liceu de Goa! Templo de Cultura,
Sete degraus guiando p'ra Ventura!

Coro:
Na asa do sonho
Marchar serenos...
Olhar risonho
E um Ideal!
Marchar p'ra frente
Com Fé e Lei
Virtude e Graça
Da nossa Grei!

II
Aqui neste Liceu todos cantamos
Cânticos lindos ao Trabalho e ao Bem,
Em teus bancos ridentes nós juramos
Ser homens e na vida ser Alguém!
Sempre avante! Avante! Ao som do sino
Vibram as nossas almas num só hino.

Letra: *Maria da Piedade de Salvador Fernandes*
Música: *António de Figueiredo*

Pausa em Goa

A Break in Goa

por ***Mário Viegas***

Foi redator da revista Elo (Lourenço Marques), jornal Voz da Zambézia (Quelimane) e cofundador, editor e diretor da revista Ecos do Oriente (Lisboa)

Past editor of the magazine Elo (Lourenço Marques, Mozambique), journal Voz da Zambézia (Quelimane, Mozambique) and co-founder, editor and director of the magazine Ecos do Oriente (Lisbon, Portugal)

Quando o avião de Mumbai sobrevoa o palco de Goa, palmares esvoaçantes em vénia acolhem num abraço fraterno forasteiros, comodamente instalados na máquina de sonhos que desliza na pista de Dabolim.

Figura 1. Sentinelas da nossa memória
(cortesia de Venceslau Furtado)

Uma temperatura amena assenta nos corpos dos viajantes e fá-los imaginar em paz. A humidade envolvente lembra-nos que acabamos de chegar a Goa.

Nas ruas movimentadas, o devaneio do caos, parece ser combinação de todos para se encontrarem à mesma hora neste paraíso e confundi-lo na sua essência. Em Goa não se suspende o tempo, procura-se freneticamente o momento perdido. Veículos desencontrados, scooters desenfreadas, novos imóveis, um mar de gente incógnita a traçar destinos e a afirmar que a "história de gente pouco importante" é talvez a mais relevante. Respira-se intimidade nesta terra apesar do bulício e, por vezes, parece ser um luxo apenas ao alcance dos que vêm de fora. O calendário parece somente suspender-se para os turistas que não resistem aos encantos de Goa embora essa quimera também tenha um fim. Sonhar, um luxo de todos, encontra neste espaço o lugar perfeito de contemplação. "O admirável mundo novo" goês ganha personalidade, diferencia-se nos pormenores e obriga-nos a sair de nós, fazer cair todos os abrigos e participar na aventura da diferença. A indumentária, o andar, os aromas, a paisagem em cadência própria, nesse tempo de todos mostra-se em diferentes dinâmicas. Sente-se um novo caminho onde se repara o que se fez mal e idealiza-se o que se quer fazer bem. Há movimento positivo nesta curta conjuntura autonómica goesa.

Interioriza-se a mudança neste pequeno território da Costa do Malabar.

É o progresso a acertar as inconstâncias dos homens. Há comodidade nos transportes e nas vias de comunicação – pontes ligando ilhas e concelhos além da diríamos eterna construção da autoestrada que liga Pangim a Dona Paula, há mais de três anos por concluir, remoendo a paciência não só dos motoristas. No capítulo das obras, ainda como zona eleita e privilegiada, Dona Paula rodeia-se de elegantes hotéis – luxuosos e de linhas modernas em qualquer parte do Mundo -, além de vistosas vivendas que acolhem muitos citadinos, e não só. E foi escolhida para lá se instalar o Instituto Nacional de Oceanografia. Dotada de um miradouro, contempla-se daqui a capital, o rio Zuari e Mormugão. E, na sua baía de água azuis, instala-se uma estação de desportos náuticos. Ainda na senda do progresso, a eletricidade, as águas, a rede móvel estão instaladas e funcionam. E as aldeias, movimentadas e vivas, exibem nova cara.

O paradoxo da Índia não desapareceu, encurta lentamente distâncias no sentido de as debelar: as valas a céu aberto, o lixo amontoado, a degradação dos passeios e os buracos, visíveis e incómodos entre muitos outros problemas invisíveis, infelizmente estão lá para que a memória não apague o que há para fazer.

O éden ainda existe, em nichos que devem ser preservados e que o comum dos mortais quer continuar a poder encher a vista e a alma. As extensas áreas verdes povoadas de hortas ou reservadas para o arroz – alimentação base do povo da Índia, as maravilhosas

Figura 2. Miramar. Unidade das comunidades hindu e cristã.
(cortesia de Deepankar Devesh).

praias com os seus extensos areais, o pôr do sol mágico afogando-se nas águas do mar arábico, o polvilhado florestal ainda existente, o palmar esvoaçante, os rios afáveis com cascatas para se amar são espaços de sonho que terão de conviver em harmonia com o homem. Neste recanto, um pouco de criação divina ainda persiste. Há de tudo, cenários pitorescos em experiências bizarras que cativam e se guardam na memória, como o deambular pachorrento das vacas, os suínos em intrépidas caminhadas a farejar alimento sem que se saiba ao certo quem possa ser o seu dono ou o emaranhado de fios elétricos que na desordem cumprem.

Panoramas culturais começam a ganhar luminosidade graças ao restauro de templos e igrejas, obras de arte e bairros antigos, compreendendo-se que a história para além de não dever ser apagada, no bem, é um processo de construção da cultura de um povo e, no mal, dentro do mesmo processo, deve servir de reflexão para que não se repitam os mesmos erros.

Goa está cosmopolita sem perder o seu lado exótico. Os turistas "invadiram" esta pequena joia da Índia. A pé, de lambretas, de carros, nos riquexós percorrem sofregamente o território à procura do êxtase nos diversos retiros que a Região oferece. Ocupam restaurantes, hotéis, mercados, jardins, praias. Baga, num fim-de-semana, traduziu este frenesim. A esplanada de um restaurante não estava ocupada por um só goês; eram todos europeus, e a maioria suíços. Livres, desempoeirados, eles e elas ostentando tatuagens, meninas de calções curtos, idosas de calças justas vagueiam por todo o lado. Chega a estar aqui um milhão! Não basta, nas praias que as águas sejam mornas; há que cuidar do resto: dos dejetos, permitir que as vacas ginguem nas passarelas como elemento distintivo de outros destinos turísticos.

Goa mexe e adapta-se. Mais feiras, mais festas. Em Pangim, à volta do jardim Garcia de Orta, montam-se esplanadas para os festejos da época, estacionam-se rulotes onde se fritam chamuças, bojás e outros pastéis que alimentam o povo e sequiosos gourmets na busca de sabores exóticos. A cerveja rega, refresca, aquece os ânimos e arrefece gargantas sedentas. Em pavilhões, os bolos, coloridos e atraentes, desenhados com requinte, as carnes, os peixes sob molhos inebriam-nos. Nas ruas, muito movimento, muitos ziguezagues, muitas ofertas persuasivas em dialética de quem nasceu para apregoar e convencer. É um mundo colorido onde reina a boa disposição, ninguém se aborrece, transformando cada universo num local para permanecer. Não se veem nem se ouvem zaragatas. Os jovens, mais descontraídos, deambulam entre esquinas com diálogos informais. A rupia desliza, pareceu-nos que o custo de vida triplicou neste último decénio.

Ainda, no sossegado Mandovi e no «Santa Mónia», à noite, ouvimos corridinhos e viras que se dançam entre elas e eles: elas, vestidas de duas peças, de duas cores, e eles, de chapéu e calções. Trejeitos e rodopios à maneira. Um cheirinho da lusitana terra.

Descemos a Margão – a capital do saber, onde grandes vultos da História de Goa viram a luz do dia. Partimos para vários destinos, todos eles bem apetrechados de bons hotéis ou pousadas – Velção, Utordá, Betalbatim, Benaulim, Colvá. Onde, nalgumas praias, se saboreiam frutos do mar e lavam-se as mãos ao ar livre.

Goa, apesar das transformações emergentes, ainda reflete o espírito do goês, numa comunhão saudável entre a tradição e o progresso.

DADA VAIDYA

por ***Francisco da Purificação Monteiro***

Sócio Fundador da Casa de Goa.

Founder Member of Casa de Goa.

Resumo

Dada Vaidya, estudioso da Medicina Ayurvédica (Medicina Tradicional Indiana). Para além da prática da Medicina tradicional, foi também uma personalidade de grande prestígio pelo seu empenho nas causas sociais e educacionais. Como reconhecimento da sua obra, o governo português erigiu o seu busto na vila de Pondá e a edilidade de Panjim deu o seu nome a uma das ruas da cidade.

Abstract

Dada Vaidya was a scholar of Ayurvedic Medicine (traditional Indian Medicine). Besides traditional medicine, he was a personality of great prestige for his commitment for social and educational causes. In recognition of his work, the Portuguese government erected a bust in the Pondá town, while the Panjim Municipality gave his name to a street in the city.

Dada Vaidya Pranacharya Ramachandra Panduranga mais conhecido como Dadá Vaidya nasceu em 1859 na aldeia de Querim, concelho de Perném, distrito de Goa, antigo Estado da Índia, para onde emigraram várias gerações da sua família que eram oriundas do norte da Índia.

Depois de completar os estudos primários e secundários dedicou-se a Medicina tradicional indiana, principalmente na pesquisa de várias plantas cujos efeitos terapêuticos eram muito utilizados no tratamento de diversas enfermidades; as suas pesquisas tiveram total apoio dos vários sectores da sociedade pelo facto de haver numerosas enfermidades que a medicina tradicional não conseguia tratar com êxito e o uso de tratamentos ayurvédicos mostrava-se mais favorável.

Em sânscrito "Ayur" significa vida e "veda" conhecimento; o termo "Ayurvedico" pode ser interpretado como a saúde sendo um equilíbrio entre o corpo, a mente e o meio em que vivemos.

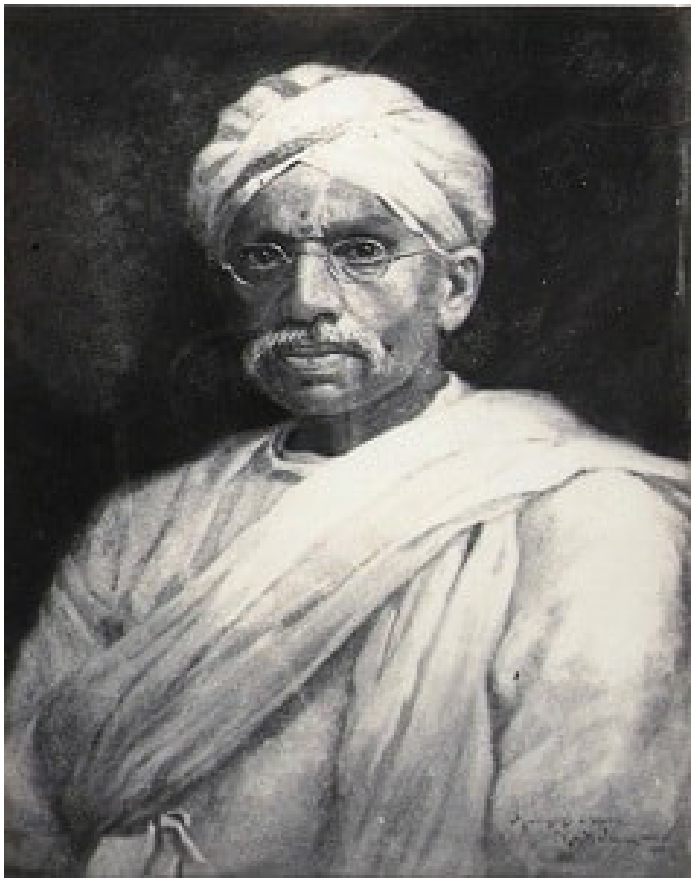
Dadá Vaidya foi um grande filantropo que apoiou com grande empenhamento e entusiasmo os mais desfavorecidos.

De parceria com Sitarama Visvambhar Quercar fundou a Liga de Propaganda de Instrução em Goa que tão meritórios serviços tem prestado desde a sua fundação; como instrumento para a propaganda fundou o semanário "Vidiaprassar" publicado em português e marata e a revista em marata "Prachi Prabha" que, serviram para combater o analfabetismo e o alcoolismo, dois males que eram fortes entraves para o progresso e desenvolvimento da terra.

Em 1960 o Governo-Geral do Estado da Índia por iniciativa do Senhor General Vassalo e Silva, reconhecendo a sua notável obra prestou-lhe a merecida e significativa homenagem erigindo um monumento na principal praça da vila de Pondá. Também a Câmara Municipal de Ilhas de Goa prestou-lhe a merecida homenagem dando o seu nome a uma das ruas da capital de Goa.

A Escola Médico Cirúrgica de Goa reconheceu os relevantes serviços prestados a causa da saúde pública e investigação instituindo o prémio "Dada Vaidya" que conferido ao aluno que obtivesse a melhor classificação no curso de Medicina.

Este nosso ilustre conterrâneo que se evidenciou no combate ao analfabetismo, na melhoria da qualidade do ensino e nas causas de índole social apoiando os mais desfavorecidos, faleceu na vila de Pondá em 1947.



(1859 - 1947)

Agradecimentos

A fotografia é cortesia do site "*Revisitar Goa*".

Bibliografia

- Robusto, R. W. Goa – Terra Indo-Portuguesa. Edição do Autor, 1953.
- A Jornada Continua... Colecção de Divulgação e Cultura, n.º 33, Ed. Imprensa Nacional, em colaboração com Centro de Informação e Turismo, Goa,1960
- Furtado, A.D. Goa, Yestarday, Today, Tomorrow. Edição do Autor, 1981
- Goa Research Institute for Development. URL: https://www.medindia.net/ngos/goa-research-institute-for-development-goa-goa-5626-1.htm
- SuperGoa. URL: http://www.supergoa.com/pt/read/news_noticia.asp?c_news=1080
- Notícias do Estado da Índia

Ode para Wendell Rodricks

Ode to Wendell Rodricks

por ***António Gomes***

Cardiologist, Novelist, and Poet

Cardiologista, Escritor e Poeta

(1960 – 2020)

Olhos se encheram de lágrimas quando ouvi
a notícia da sua morte repentina e inesperada.
Foi um pesadelo, um boato, uma notícia falsa?
Na descrença, a morte chegou a todo vapor,
levar você, meu amigo, lamento tristemente.
Morte: com seu poder implacável extinguir a vida;
estar vivo, animado um momento, se foi, o seguinte.
Você era jovem demais para partir -
Não há mais sua carne e sangue - dor, angústia,
para todos nós – um terno que é deixado para trás!

Filho de Goa, artista excepcional,
Estilista por excelência – fluindo sedas multicoloridas
em ondas com cordas de ouro e pó de diamante.
Ambientalista, escritor, cantor;
Uma criatura humilde e amigável –
Estrela cadente ardente que orbita a terra.
Goa, Índia, lamenta você, milhões e mais.
Seu legado destemido em Moda Goa,
Museu da Moda em sua casa de sonho,
em Colvale –

Obrigado pela sinopse do Nas Garras de Destino:
'Uma leitura esplêndida de um escritor natural,' você escreveu,
'Cuja caneta agita emoções ... alto, baixo, tempestuoso e calmo,
como as marés do mar da Arábia lambendo nas costas de Goa.'

Memórias, suas, vão bater em ondas espumosas,
na rocha vermelha e na areia - rajadas de vento forte,
nos arrozais, batendo folhas de bananeira;
gotas de chuva caindo sobre flores,
a manga, coco, velhos lares de Goa - bênçãos -
Enquanto você persuadir com Mario e Lucio
Serenata a Deus.

Dentro dos limites deste universo,
Seu espírito imune à Finalidade da morte,
Dançará ao ritmo do jazz e da soul,
Sobre o pôr do sol vermelho e sangrando,
Uma sombra canta o Fado para memorizá-lo.

Fernando de Noronha: Tribute to my Father

Fernando de Noronha: Tributo ao meu Pai

by ***Óscar de Noronha***

Professor associado de língua e literatura inglesa
Curador da Third Millennium Foundation (Goa)
Apresentador de Renascença Goa

Associate professor of English Language and Literature
Managing Trustee, Third Millennium Foundation (Goa)
Presenter of Renascença Goa

Early this month the social media was abuzz, in anticipation of the twenty-twenties; as for me, I was on a solo trip back to nineteen-twenty. As a child, this year had the earmarks of a happy milestone for me, yet it triggered anxiety for the future. My childhood was a shrine of happy pictures, yet the thought of that golden marker fading into the horizon would fill me with sadness. Why? Because while a young me was looking ahead to what would be, my father Fernando was already looking back upon what had been….

My lone source of anxiety for the future was that I was the eldest child, born in Papa's forty-fourth year. I knew not how long I would have him: it was a worry I kept to myself so as not to dishearten him. But then, hardly anything disheartened him; he kept pace with his children and even his grandchildren's progress, and enjoyed the sleep of the just. When he passed on, at 91½, he was a grandfather to fifteen. His abiding trust in God was the secret of his longevity as well as a salutary lesson on the futility of anxiety.

In my naiveté, 1920 still felt charming; as I grew older, I found Papa's idealism, independence and integrity appealing. I looked up to him, especially because his life hadn't been easy: the 'roaring twenties' of the West had played out quite differently in Portugal and Goa. Following a decade of political turbulence and galloping inflation, the country stabilised and the escudo roared upon the rise of Salazar the economist. Convinced that he was a man with 'the right intention', my father held him in esteem for his intellect and honesty – the antithesis of leaders in sham democracies.

Figure 1. Fernando de Noronha (1920-2011)

After God, it was Goa uppermost in Papa's mind. The Mass and the Bible alongside spiritual classics were his daily fare. To compensate for arid bureaucratic matters, he put his faith in reading,

Figure 2. Momentos do meu Passado (Moments from my Past) and Goa tal como a conheci (Goa as I knew it) authored by Fernando de Noronha.

writing, teaching and music. Even while he took delight in the Romantics Eça, Camilo and Ramalho, he recommended some excellent Goan writers. Until his last breath he lapped up the masters of the Portuguese language, not forgetting two of our very own Goan purists, Costa Álvares and Filinto C. Dias.

One gets a bird's eye view of Papa's outlook from his first book, Momentos do meu Passado (Moments from my Past). Much of it is what he used to recount animatedly at the dinner table or talk over with relatives and friends. He obliged us by writing this slim volume comprising 'figures, facts and facetiae': pen sketches of over thirty personalities from the Goan social and political milieu; some little-known facts of contemporary history; and a host of anecdotes dating back to his Lyceum days. In his words, he wished 'to quench saudades of a not so distant past, when one lived in a happy and carefree manner unique to Goa.'

It took me some time to appreciate Papa's simple and straightforward nature. And noticing how people would often agree but also end up severing ties with him, I learnt that truth can indeed puzzle, confound, hurt… Papa's intermittent observations on public affairs are lost in the thicket of Heraldo and A Vida for, whilst a bureaucrat in two key departments during the Portuguese regime, he used pennames of which he kept no record. In 1967, his commitment to ferry people to the booths on the occasion of the Opinion Poll (16 January, his birthday and feast of St Joseph Vaz) fetched him a resounding office memo.

It warms the cockles of our hearts to see that Papa's

second book, Goa tal como a conheci (Goa as I knew it), contains the essence of his views on people, events and ideas. Covering as he did twentieth-century Goa's political and administrative affairs, society, culture, and religion, in a total of eighteen chapters, this offering is a testimony of love for the land and the people. It is also a tribute to the Portuguese language that was so dear to him. After opting to retire from public service, he taught that idiom at a city college and co-founded a weekly, A Voz de Goa. At Panjim's Immaculate Conception church he prayed in that 'language of the angels' and put together a choir at Sunday mass.

Music was high up on his agenda ever since his father purchased a gramophone and a maternal uncle and self-taught violin virtuoso played along. An attractive feature of Papa's day was his whistling and playing of the harmonica, providing the household with a kind of crash course in classical and semi-classical music. The mandó moved him very especially (he ensured that it featured at his children's wedding parties) and so did two popular Konkani films of his time which, he said, 'foster Goan patriotic feelings'. The Goan reality, however, was a far cry from what he had envisioned, so I can say with Wodehouse that 'if not actually disgruntled, he was far from being gruntled.'

No tribute to our father would be complete without a reference to our dearest mother Judite da Veiga, who was the love of his life, the reason of his being. On his death bed I heard him thank her for half a century of togetherness. She, their five boys and families, was all that he ever wanted. We have lost him in body, not in spirit. He has become greater in death, our strength and consolation, our conviction that there can be no anxiety for the future….

Memorable Day

Dia Memorável

The day of Enthusiasm, Old memories, Empathy and Friendship.

The day when old students of Liceu Nacional Afonso de Albuquerque met all together.

It was more of old songs, specially "Hino do Liceu", music by our renowned professor of “canto coral” maestro António Figueiredo, some poems in Konkani, some konkani and translated in Portuguese.

All were enjoying “Tuna Académica", some were with their most wanted Brand of spirit, others were appreciating their spirit compare, calm and fluent − Doctor Caetano Loyola Pereira.

Some missed the “spirit” but they were enjoying internal spirit.

Some wanted more functions of this type perhaps forgetting the " machine behind three pointers of wall clock”.

Lastly thanking each and everybody, specially BABAZINHO and wonderful 'SUSHILA'

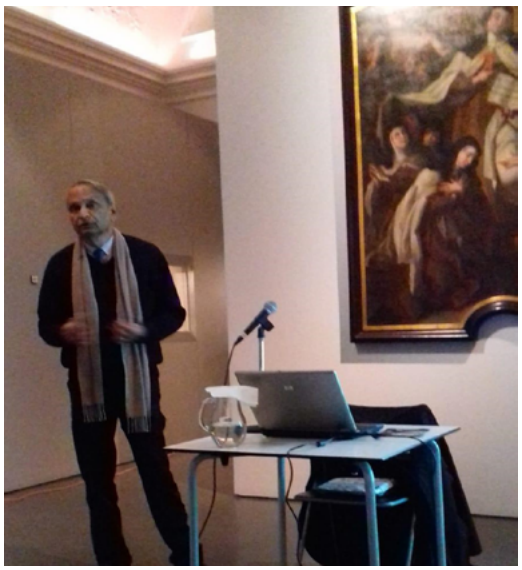
Above all GOD

Dr. Bicaji Ganecar

Presidente da República Portuguesa em Goa

No passado mês de Fevereiro, o Presidente da República Portuguesa, Professor Marcelo Rebelo de Sousa, efectuou uma visita de estado à República da Índia.
No seu roteiro, incluiu uma curta estadia de 2 dias ao território de Goa.
Na sua breve permanência, no domingo, dia 16 de Fevereiro, assistiu à liturgia dominical, ainda celebrada em português, na Igreja da Imaculada Conceição em Panjim.
No fim da cerimónia, confraternizou com os presentes, onde acedeu a inúmeras selfies. Quando questionado pelos jornalistas, teceu alguns comentários acerca do significado da religião católica no território, que na sua opinião era um fator de identidade de Goa.
De seguida, acompanhado de alguns membros da sua comitiva e representantes de várias instituições culturais locais, deslocou-se à Velha Cidade, onde fez um pequeno circuito que iniciou com uma visita ao Convento de Santa Mónica, que alberga o Museu de Arte Cristã. Seguiu-se a visita à Basílica do Bom Jesus onde prestou homenagem ao corpo de S. Francisco Xavier, à Sé Catedral, ao Arco dos Vice-Reis e à Igreja de S. Caetano.
A curta estadia terminou com uma recepção oferecida pelo Cônsul de Portugal em Goa, a cerca de 300 convidados dos mais diversos sectores da sociedade goesa.
Aqui, no seu vibrante discurso, o Professor Marcelo Rebelo de Sousa declarou que lhe faltava vir a Goa, porque "ninguém percebe tudo o que é ser português sem vir a Goa".

Escola Superior de Medicina de Goa



Integrada na Programação Comemorativa dos 400 anos do ciclo pictórico Vida e lenda de São Francisco Xavier, realizou-se dia 22 de janeiro de 2020, no Museu de S. Roque, a conferência "A importância da Escola Superior de Medicina de Goa para a história da Medicina Portuguesa" proferida pelo nosso consócio Dr. José Filipe Monteiro.

Não foi grande a afluência de sócios da Casa de Goa, mas a verdade é que sala estava bem cheia. A conferência foi muito aplaudida e, pelas interpelações ao conferencista, percebeu-se que na plateia estavam presentes estudiosos, clínicos licenciados em Goa e descendentes de médicos formados nessa grande Escola.

Curso de Concanim

No seguimento de iniciativas anteriores, a Casa de Goa vai organizar mais um curso de Concanim.

O orientador do curso é o Prof. Dhruv Usgãocar (Tm 961769245), docente de português na Universidade de Goa e doutorando em Relações Internacionais pela Universidade Nova de Lisboa.

O curso será lecionado aos domingos e haverá uma reunião prévia dos inscritos com o orientador para a definição dos horários e aspectos pedagógicos.

A inscrição, mediante o pagamento de 125,00 Euros para sócios com quotas em dia e 150,00 Euros para não sócios, pode ser feita por e-mail para a secretaria da Casa de Goa (casadegoa@sapo.pt).

Série de Palestras "Olhares Sobre Multiculturalismo"

A Goanidade foi e é, para além de multiculturalismo, um notável exemplo de interculturalidade – uma congregação de culturas: europeia pós-medieval, por um lado, e, por outro, culturas bem mais antigas, algumas até milenares, implantadas no subcontinente indiano. Contudo, é impossível ignorar que o fenómeno da globalização, não apenas económica, mas também cultural, se tem revelado uma ameaça à persistência de culturas minoritárias. Tentar a contraposição a essa tendência – que só pode agravar-se no futuro – requer, no que concerne a Goanidade, bem compreender incidência e implicações de vivência e circunstâncias actuais sobre as bases constitutivas da cultura de que, colectivamente, os Goeses ainda são realidade e expressão.

Nessa perspectiva, os consócios António Faria e Henrique Machado Jorge organizaram, na Casa de Goa, uma nova Série de Palestras, intitulada Olhares Sobre o Multiculturalismo. Está programada para oferecer uma Sessão no terceiro sábado de cada um dos próximos meses.

Dhruv Usgãokar foi convidado para proferir, a 15 de Fevereiro p.p., a primeira palestra da Série. Escolheu como tema: India's Cultural Diplomacy: Building Bridges with the Western World.

A segunda Sessão da Série, em data a anunciar oportunamente comportará dois oradores. O primeiro será José Filipe Monteiro, que discursará sobre Raízes da Incompreensão Cultural da Ásia no Ocidente. A segunda apresentação, a cabo de H. Machado Jorge, versará o tema: A Intemporalidade da Sabedoria Ancestral. A Ciência Como Narrativa do Real. Esta segunda Sessão será moderada por António Faria.

GOA – Património, História e Tradição

Decorre de 29 de Janeiro a 11 de Março de 2020 no Centro Nacional de Cultura o Curso Livre "GOA – Património, História e Tradição", orientado pelo Arquiteto Eduardo Kol de Carvalho.

A riqueza patrimonial edificada e preservada por uma população, dinamizada por uma elite cultural forte, é um exemplo perfeito da especificidade na globalidade. É esse Pequeno, Grande, mundo Goês que se pretende abordar e compreender num Curso Livre de sete sessões.

1ª Sessão: História da Goa Portuguesa de Afonso de Albuquerque (1510) às Novas Conquistas (1783); 2ª Sessão: História da Goa Portuguesa das Novas Conquistas (1783) para além da "Invasão" (1961), até aos nossos dias; 3ª Sessão: O Património Arquitetónico de Goa: Arquitetos e Arquitetura Militar; 4ª Sessão: O Património Arquitetónico de Goa: Arquitetura Religiosa e Civil; 5ª Sessão: O Património Artístico de Goa: Pintura; 6ª Sessão: Literatura Goesa (1510~2015); 7ª Sessão: Gastronomia e Moda Goesas.

Mais informações disponíveis em URL: https://www.cnc.pt/curso-goa/?fbclid=IwAR3WAbLS2tkoIZtsX4m-VjqrLP1Yk3lytJScsryiO45_s4t2d3ubup-hML3s